



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS XIV
COLEGIADO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

VANESSA SILVA GORDIANO CARNEIRO

**ENTRE A LITERATURA E A HISTÓRIA: UMA ANÁLISE DAS
REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NO ROMANCE “BEIJE-ME ONDE O SOL NÃO
ALCANÇA”, DE MARY DEL PRIORE**

CONCEIÇÃO DO COITÉ – BA

2017

VANESSA SILVA GORDIANO CARNEIRO

**ENTRE A LITERATURA E A HISTÓRIA: UMA ANÁLISE DAS
REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NO ROMANCE “BEIJE-ME ONDE O SOL NÃO
ALCANÇA”, DE MARY DEL PRIORE**

Monografia apresentada à Universidade do Estado da Bahia
– Campus XIV – Conceição do Coité – BA, como requisito
parcial à obtenção do grau de Licenciatura em História.

Orientadora: Adriana Silva Teles Boudoux

CONCEIÇÃO DO COITÉ – BA

2017

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

VANESSA SILVA GORDIANO CARNEIRO

**ENTRE A LITERATURA E A HISTÓRIA: UMA ANÁLISE DAS
REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NO ROMANCE “BEIJE-ME ONDE O SOL NÃO
ALCANÇA”, DE MARY DEL PRIORE**

Aprovada em ____, de _____, de ____.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Ma. Adriana Silva Teles Boudoux

(UNEB)

Prof^ª. Ma. Maria Aurélia Sarmiento

(UNEB)

Prof. Me. Kleber José Fonseca Simões

(UNEB)

Dedico este trabalho primeiramente às pessoas que sempre foram minha base e os maiores estimuladores da minha formação pessoal e profissional, além de terem tido bastante paciência e compreensão com relação às minhas constantes ausências, os meus amados pais Marcos Ricardo e Joelma, e também o meu irmão Marcos Natan. Ao meu esposo João Henrique, que esteve ao meu lado me dando apoio, força e estímulo para continuar a pesquisa. E em memória à minha querida avó Margarida Carneiro Mota.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a minha professora e orientadora Adriana Silva Teles Boudoux, por desde o início acreditar no potencial dessa pesquisa e por ter aceitado o convite em ser minha orientadora. Além disso, por ter sido sempre compreensiva e presente em todos os momentos que precisei. Sem às nossas orientações e conversas este trabalho talvez não tivesse chegado a este resultado.

Agradecer também ao professor Me. Kleber José Fonseca Simões pelas suas orientações e indicações de textos durante a construção do projeto para a realização da pesquisa, pois foi de suma importância para minha melhor compreensão sobre o conceito de gênero. Fico grata também à professora Ma. Maria Aurélia Sarmento por ter aceitado ser minha coorientadora durante o período em que a professora Adriana Boudoux esteve de licença, e por suas orientações e indicações de textos, que ajudaram nas discussões realizadas neste trabalho sobre as relações entre a História e a Literatura. Além de também ter contribuído com suas observações, para a realização das correções do primeiro capítulo.

Por fim e não menos importante, deixo meu agradecimento às minhas colegas e companheiras Chantele Araujo, Marina Santa Rosa e Angerlândia Carvalho, pelo apoio ao longo de toda a jornada acadêmica. À minha família pelo apoio, incentivo e compreensão no decorrer da minha graduação. E ao meu esposo Henrique Carneiro pelo apoio, compreensão e carinho que me deram forças nos vários momentos no decorrer da pesquisa.

RESUMO

O presente trabalho tem como tema a representação das relações de gênero no romance *Beijeme onde o sol não alcança* de Mary Del Priore. Apresentando como problema, quais as aproximações e distanciamentos existentes na relação Literatura e História na obra citada, além de também analisar como a autora representa as relações de gênero. A partir de tais problemas, realizo, no primeiro capítulo, uma análise sobre a relação que Del Priore, enquanto historiadora e escritora, a partir dos movimentos historiográficos dos finais do século XX e início do século XXI, se aproxima de temas como história das mulheres, relações de gênero, amor, sexualidade, vida privada, etc; construindo assim um diálogo com a Literatura e a História. Além disso, analiso também quais aspectos presentes no romance o caracterizam como sendo um romance histórico e epistolar, questionando o que há de ficção e de História, a partir do conceito de representação de Roger Chartier (1990), identificando como a autora aproxima e distancia esses dois campos do saber. No segundo capítulo, é feita uma análise que se divide em dois tópicos: no primeiro é analisado como a autora por meio dos personagens Nicota e Maurice representa as relações de gênero e como ela constrói tais representações; no segundo, analiso como, a partir das personagens Regina e Maria Gata, a romancista representa o papel das mulheres negras escravas e libertas no final do século XIX no Rio de Janeiro. Em síntese, destaco que a autora utiliza o conceito de gênero de Joan Scott para representar as relações de gênero no romance e que tece um constante diálogo entre a Literatura e a História a partir das fontes. Por fim, aponto novas perspectivas de pesquisa a partir das lacunas que não puderam ser analisadas com maior profundidade.

Palavras-chave: relações de gênero, representação, História e Literatura.

ABSTRACT

The present work has as its theme the representation of gender relations in the novel *Kiss me where the sun does not reach* from Mary Del Priore. Presenting as a problem, the approximations and distances existing in the relationship Literature and History in the work cited, as well as analyze how the author represents gender relations. From these problems, in the first chapter I analyze the relationship that Del Priore, as historian and writer, from the historiographic movements of the late twentieth and early twenty-first century, approaches themes such as women's history, gender relations, love, sexuality, private life, etc; thus building a dialogue with Literature and History. In addition, I also analyze which aspects present in the novel characterize it as a historical and epistolary novel, questioning what is fiction and history, from the concept of representation of Roger Chartier (1990), identifying how the author approaches and distance these two fields of knowledge. In the second chapter, an analysis is made that is divided into two topics: the first is analyzed as the author through the characters Nicota and Maurice represents the gender relations and how it constructs such representations. In the second, I analyze how, from the characters Regina and Maria Gata, the novelist represents the role of black women slaves and liberates in the late nineteenth century in Rio de Janeiro. In summary, I point out that the author uses the concept of genre by Joan Scott to represent the gender relations in the novel and that weaves a constant dialogue between Literature and History from the sources. Finally, I point out new research perspectives from the gaps that could not be analyzed in greater depth.

Keywords: gender relations, representation, History and Literature.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	01
1. DA ESCRITA HISTÓRICA À ESCRITA LITERÁRIA.....	05
1.1 TRAJETÓRIA DA AUTORA MARY DEL PRIORE E SUA RELAÇÃO COM OS MOVIMENTOS HISTORIOGRÁFICOS DO SÉCULO XX.....	05
1.2 CARACTERÍSTICAS DO ROMANCE: HISTÓRICO E EPISTOLAR.....	16
2. REPRESENTAÇÕES DAS RELAÇÕES DE GÊNERO NO ROMANCE: DIÁLOGOS COM A HISTORIOGRAFIA.....	24
2.1 HOMEM BRANCO E MULHER BRANCA BURGUESA: AMOR <i>VERSUS</i> CASAMENTO	25
2.2 MULHERES NEGRAS E AFETO.....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS: UM CAMINHO PARA NOVAS PERSPECTIVAS E POSSIBILIDADES.....	45
FONTE E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	47

INTRODUÇÃO

O tema que irei pesquisar se delimita entre dois campos do saber, a História e a Literatura, o qual intitulei *Entre a Literatura e a História: uma análise das representações de gênero no romance “Beije-me onde o sol não alcança”, de Mary Del Priore*. O mesmo surgiu de um momento onde o gosto e apreço pela História e pela Literatura se encontraram em uma aula de Brasil Império quando a professora apresentou a possibilidade de relação entre esses dois campos do saber. Ao fazer essa descoberta que até então não tinha conhecimento, surgiu ali um grande interesse em saber um pouco mais sobre essa relação que antes considerava impossível ao pensar a Literatura como algo ficcional e totalmente distante da História que entendia como verídica.

A partir do interesse em conhecer mais sobre o assunto, comecei um processo de pesquisa e leituras no decorrer da graduação, voltada para a utilização da Literatura como possível fonte de pesquisa. Ao longo desse processo, tive contato com a autora Cláudia Pereira Vasconcelos durante a II Semana de História no Campus XIV da UNEB, onde a mesma realizou uma mesa falando sobre sua obra “Ser-tão baiano: o lugar da sertaneidade na configuração da identidade baiana”, na qual a autora faz uso da Literatura para analisar a representação e criação do imaginário em torno do nordestino, além de fazer uma discussão sobre a classificação e relação entre História e Literatura, e tocar também na presença e representação de gênero na literatura; este momento foi fundamental para decisão e escolha do tema, pois durante esse diálogo sobre História e Literatura, a autora pode tirar dúvidas e inseguranças existentes sobre o uso da história literária como fonte histórica. Daí surgiu em mim várias ideias, questionamentos, e problemáticas que passaram a me inquietar, principalmente com relação às questões de gênero.

Com a certeza de que faria o uso da Literatura como fonte, passei a refletir sobre qual obra iria utilizar. Foi quando algumas amigas indicaram a leitura do romance *Beije-me onde o sol não alcança* de Mary Del Priore. Ao entrar em contato com a obra literária e após à sua leitura, percebi a existência de vários temas que poderiam ser analisados, como a mulher, a intimidade, a honra, o amor, a escravidão, os movimentos pré-abolição, etc. Antes mesmo de perceber tais temas no romance, já havia um interesse em pesquisar a história das mulheres ou das relações de gênero no período imperial. Tendo isso em vista, decidi que utilizaria esta obra como fonte de pesquisa e análise.

A partir de então, com a escolha do romance *Beije-me onde o sol não alcança* de Mary Del Priore, como fonte para a análise da representação de gênero, foi possível definir os problemas da pesquisa: quais as aproximações e distanciamentos existentes na relação Literatura e História neste romance? Como a autora representa as relações de gênero? A partir de tais questionamentos, defini como principal objetivo deste trabalho analisar as representações de gênero no romance histórico “Beije-me onde o sol não alcança”, de Mary Del Priore.

Para a realização da análise proposta, estruturei este trabalho em dois capítulos. O primeiro capítulo intitulado *Da escrita histórica à escrita literária*, que foi dividido em dois tópicos: *Trajetória da autora Mary Del Priore e sua relação com os movimentos historiográficos do século XX* e *Características do romance: histórico e epistolar*. No primeiro, realizo uma revisão bibliográfica para analisar a relação que a autora constrói com a História e a Literatura no decorrer de sua trajetória junto aos movimentos historiográficos do final do século XX e início do XXI. Para perceber como a autora constrói sua trajetória junto a historiografia, foi necessário apresentar para o leitor um panorama dos movimentos historiográficos desde a revista dos *Annales* até a chegada da História Social e da História Cultural no Brasil na década de 80 e de 90. Para isso, utilizo como referencial teórico Peter Burke (2011) para discutir sobre a Nova História, Hebe Castro (1997) para falar sobre a História Social, Ronaldo Vainfas (1997) para apresentar as discussões sobre História das mentalidade e da Micro-História, Roger Chartier (1990), José D’Assunção Barros (2011) e Eduardo Navarrete (2011) para discorrer sobre a Nova História Cultural, Rachel Soihet (1997/2007), Joana Maria Pedro (2007) e Joan Scott para trazer a História das Mulheres e das Relações de Gênero conceituando gênero, e Laura de Mello e Souza (1998) para falar sobre a Historiografia Brasileira. Esse primeiro momento é necessário para perceber como e quando Mary Del Priore passa a se interessar por novos temas, sujeitos e fontes, e principalmente, como se deu a sua aproximação junto a Literatura, não só como fonte, mas também como estilo de escrita inclusive em obras de cunho historiográfico, até o momento em que se assume enquanto escritora de literatura. No segundo tópico, realizo uma análise das características presentes no romance *Beije-me onde o sol não alcança* que levam a classifica-lo como sendo um romance histórico e epistolar. Para perceber tais características, fez-se necessário discutir sobre o que seria o romance histórico, para isso, utilizo os autores Marilene Weinhardt (1994), Carlos Alexandre Baumgarten (2000), Pedro Brum Santos (2011) e Marisa Lajolo (2004) para fazer um apanhado sobre o Romantismo, o Regionalismo e o Romance Histórico. A partir de tais autores, foi possível identificar o que foram esses movimentos artísticos e literários no Brasil, e quais

características presentes no gênero literário romance histórico, para só então analisa-las na obra de Mary Del Priore. Além disso, utilizo também Lyn Hunt (2009) e suas discussões sobre o Romance epistolar, identificando as características deste gênero, para mostrar como Del Priore faz uma retomada deste gênero que tem sido pouco utilizado pelos escritores.

Além disso, realizo ainda, uma análise estrutural do romance, identificando de que forma a autora faz o uso de notas, como ela classifica as fontes, além de quais temáticas se fazem presente entre as fontes primárias e secundárias. Em seguida, realizo uma discussão em volta do questionamento sobre as relações entre ficção e História em *Beije-me onde o sol não alcança*, a partir dos estudos de Sandra Jatahy Pesavento (1996 - 2006), que proporcionaram uma melhor compreensão sobre as aproximações e distanciamentos existentes entre a História e a Literatura. Utilizo também de seus trabalhos para o uso do conceito de ficção. Ainda sobre essa relação entre a História e a Literatura, trago Roger Chartier (1990/1991) para o uso do conceito de representação, que é de fundamental importância para a realização das análises feitas no capítulo dois.

No segundo capítulo intitulado *Relações de gênero no romance: diálogos com a historiografia*, é feita a análise sobre as representações de gênero no romance de Del Priore, que se dá a partir do casamento, do amor e da honra, temas que envolvem-se em toda a narrativa. Para isso, o capítulo é dividido em dois momentos, um sobre a representação do homem branco e da mulher branca burguesa (primeiro tópico *O homem branco e a mulher branca burguesa: amor versus casamento*), no qual realizo a análise sobre como a autora constrói tais representações a partir dos personagens Nicota e Maurice, percebendo qual o conceito de gênero utilizado por ela, e como as fontes de pesquisa utilizadas estão associadas à maneira como os mesmos são representados. Para isso utilizo alguns dos trabalhos de Mary Del Priore, como *História do amor no Brasil*, *História das Mulheres no Brasil* e *Ao sul do corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia* – este último uma das fontes presentes no romance – para identificar como a autora utiliza de suas pesquisas sobre temáticas como o amor, adultério, paixão, maternidade e corpo, para construir seus personagens e suas histórias. Além disso utilizo Maria Ângela D’Incao (2017) e Miridan Knox Falci (2017) para as discussões também sobre casamento, amor e adultério.

No segundo tópico *Mulheres negras e afeto*, analiso como a autora a partir principalmente de Regina e também de Maria Gata, representa o papel das mulheres negras escravas e libertas no final do século XIX. A análise é feita a partir da relação entre um senhor (Maurice) e uma ex-escrava (Regina), que ultrapassa as relações de prazer, perpassando pelos sentimentos de desejo e paixão, até constituírem família; além de também, a partir de Maria

Gata, perceber as relações de afetividade entre uma escrava e sua senhora. Mostrando, nessas duas formas de relacionamentos, a existência não só de violências, mas também de afetividade, mesmo existindo relações de poder e desigualdade de gênero, classe e raça. E para a realização de tais análises, utilizo as autoras Adriana Alves (2010), Ana Cláudia Pacheco (2008) e a própria Mary Del Priore em seu livro *História do amor no Brasil* (2012), que têm toda uma discussão sobre a existência de afetividade na relação entre um senhor e uma escrava ou liberta, inclusive com a formação de família. A partir de tais perspectivas, identifica-se como a autora do romance tendo conhecimento sobre isso, constrói os seus personagens. Além disso, mostro como Del Priore utiliza da fonte *Caetana diz não: Histórias de mulheres da sociedade escravista brasileira*, obra de Sandra Lauderdale Graham (2005), para construir um momento da história de Regina, a partir da intertextualidade com a história estudada por Graham sobre Caetana, negra, escrava, que viveu no vale do Paraíba.

Convido a todos/as os/as leitores/as que, assim como eu, são amantes da História e da Literatura, para junto às análises feitas nesse trabalho, navegarem nas entrelinhas do romance *Beije-me onde o sol não alcança*, da autora Mary Del Priore, discutindo sobre os diálogos por ela tecidos entre as narrativas ficcional e historiográfica, a partir dos personagens Nicota, Maurice, Regina e Maria Gata, os quais carregam em suas histórias não só as representações de gênero, mas também, as representações de uma época a partir do olhar de uma mulher, historiadora e escritora do tempo presente.

CAPÍTULO I – DA ESCRITA HISTÓRICA À ESCRITA LITERÁRIA

1.1 TRAJETÓRIA DA AUTORA MARY DEL PRIORE E SUA RELAÇÃO COM OS MOVIMENTOS HISTORIOGRÁFICOS DO SÉCULO XX

Para à análise das representações de gênero no romance “Beije-me onde o sol não alcança” de Mary Del Priore, faz-se necessário o conhecimento sobre a autora em questão, e também, compreender a sua relação com a História e a Literatura.

Mary Lucy Murray Del Priore, nascida no Rio de Janeiro no ano de 1952, formou-se em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), com pós graduação na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP) e fez pós doutorado na École des Hautes Études em Sciences Sociales. Tem como área de pesquisa a História Cultural, a História Social e a História das relações de gênero. Em sua carreira profissional lecionou nos departamentos de História da FFLCH/USP e PUC/RJ e atualmente leciona no curso de Pós-Graduação da Universidade Salgado de Oliveira/Universo. Durante dez anos foi colunista do caderno feminino do jornal O Estado de São Paulo, e segue escrevendo para periódicos científicos e não científicos, nacionais e estrangeiros. Já publicou mais de 40 livros entre os de sua autoria e organizações; já foi contemplada com 21 prêmios literários nacionais e internacionais, entre eles o Jabuti, Casa Grande & Senzala, APCAS, Ars Latina, entre outros. Dentro dessa vasta bibliografia da autora, percebe-se vários escritos sobre a História do Brasil, e entre eles se faz presente diversos trabalhos sobre a História das mulheres. Este, se torna aqui, uma informação de suma importância para a análise sobre as representações de gênero na literatura *Beije-me onde o sol não alcança*, primeiro romance da autora. Ao considerar isto como algo importante, torna-se necessário a realização de alguns questionamentos, como por exemplo: quando a preocupação com os estudos de gênero surge para a autora Mary Del Priore? E qual a relação que esta preocupação têm com o movimento das novas correntes historiográficas do século XX?

Durante o século XIX e início do século XX, sob o crivo da abordagem positivista, os historiadores acreditavam em uma escrita da história que deveria ser factual, objetiva e neutra. Peter Burke (2011) em um de seus ensaios, realiza uma discussão sobre o que seria a nova história, e para explicar essa nova corrente, o autor faz uma oposição com o paradigma tradicional. De acordo com esse paradigma tradicional, a história dizia respeito essencialmente à política, e a mesma, deveria ser baseada em documentos oficiais, ser objetiva e o papel do

historiador seria o de apresentar aos leitores os fatos, como apontou Burke ao mostrar uma citação de Ranke, dizer “como eles realmente aconteceram” (BURKE, 2011, p. 15).

Além do questionamento feito por Burke, sobre o que seria a Nova História, ele faz também uma outra pergunta, quanto é nova a Nova História? De acordo com o autor, a Nova História está associada aos fundadores da revista dos *Annales* (1929), Lucien Febvre e Marc Bloch e também a Fernand Braudel – da segunda geração –, que desde os anos 1929 já se opunham à produção historiográfica predominante do século XIX. Segundo Hebe Castro (1997), foi a manifestação mais efetiva e duradoura contra uma historiografia factualista, centrada nas ideias e decisões de grandes homens, em batalhas e em estratégias diplomáticas. Propunham uma história-problema, apresentando um novo método de investigação histórica que tinha como base a interdisciplinaridade, que possibilitou um diálogo entre a história e as ciências sociais. Apesar disso, a proposta inicial dos *Annales* estava voltada para a escrita de uma história que tinha como preocupação o econômico e o social em detrimento do político. Embora afirme a importância dos *Annales* para a renovação da história, Burke ressalta que,

Todavia, eles não estavam sozinhos em sua revolta contra os rankeanos. Na Grã-Bretanha dos anos 30, Lewis Namier e R.H. Rawney rejeitaram ambos a narrativa dos acontecimentos para alguns tipos de história estrutural. Na Alemanha, por volta de 1900, Karl Lamprecht tornou-se impopular, expressando seu desafio ao paradigma tradicional. A desdenhosa expressão *histoire événementielle*, ‘história centralizada nos acontecimentos’, foi inventada nessa ocasião, uma geração antes da época de Braudel, Bloch e Febvre. Expressa as idéias de um grupo de estudiosos concentrados em torno do grande sociólogo francês Emile Durkheim e sua revista *Année Sociologique*, publicação que ajudou a inspirar os *Annales*. (BURKE, 2011, p. 17)

Percebe-se a partir desta afirmação que, antes mesmo da revista dos *Annales* ser fundada por Febvre e Bloch, outros historiadores já questionavam e rejeitavam a história rankeana, considerada tradicional. Dessa maneira, nota-se que a chamada Nova História, apesar de ter surgido como expressão para se referir aos movimentos ocorridos nas décadas de 1970 e 1980 – período que se desenvolve uma reação mais abrangente contra o paradigma tradicional, que parte da percepção da inadequação de tal paradigma, e da necessidade de mudança –, ela é decorrente de um longo processo que se desenvolveu desde 1900, se não antes, com historiadores que já se recusavam a escrever uma história factual dos acontecimentos.

Assim, a chamada Nova História abriu um leque de novas possibilidades e novos interesses sobre a atividade humana e sobre o passado. Ainda no ensaio já citado de Peter Burke (2011), o autor faz a seguinte colocação:

Por outro lado, a nova história começou a se interessar por virtualmente toda atividade humana. ‘Tudo tem uma história’, como escreveu certa ocasião o cientista J. B. S. Haldane; ou seja, tudo tem um passado que pode em princípio ser reconstruído e relacionado ao restante do passado. Daí a expressão ‘história total’, tão cara aos historiadores dos *Annales*. A primeira metade do século testemunhou a ascensão da história das ideias. Nos últimos trinta anos nos deparamos com várias histórias

notáveis de tópicos que anteriormente não se havia pensado possuírem uma história, como, por exemplo, a infância, a morte, a loucura, o clima, os odores, a sujeira e a limpeza, os gestos, o corpo, a feminilidade, a leitura, a fala e até mesmo o silêncio. O que era previamente considerado imutável é agora encarado como uma ‘construção cultural’, sujeita a variações, tanto no tempo quanto no espaço. (BURKE, 2011, p. 11)

De acordo com a citação acima, a nova história passa a considerar a ideia de que “tudo tem uma história”, ou seja, a história passa a incluir novos problemas que antes não eram considerados pelo paradigma tradicional. Entretanto, Burke sinaliza para os problemas que surgem com esse novo paradigma. Estes problemas estão relacionados à definição, fontes, explicação e síntese, onde o autor desenvolve sobre cada um deles ao longo de seu ensaio¹.

Em paralelo ao movimento que se desenvolvia na França, na Inglaterra surgia a História Social, que de acordo com H. Castro (1997) foi de início uma expressão frequentemente utilizada para demarcar outra postura historiográfica frente a historiografia tradicional, assim como os *Annales*, porém, com outras especificidades. A autora traz uma abordagem de E. Hobsbawm onde o mesmo afirma que a expressão “história social” até a primeira metade do século XX, se ligava a três acepções diferentes. Em 1930 e 1940, estava ligada a uma abordagem culturalista com ênfase nos costumes e nas tradições nacionais. No espectro político oposto, especificamente na Inglaterra, desenvolve-se uma história social do trabalho e do movimento socialista. Simultaneamente, na França, desenvolvia-se desde 1930, com os *Annales*, uma “história econômica e social”, dando maior ênfase no econômico.

José D’Assunção Barros (2011) afirma que desde e a partir dos marxistas ingleses que a cultura passou a ser analisada como parte integrante do “modo de produção”, e não como um mero reflexo da infraestrutura econômica de uma sociedade. O autor destaca a contribuição de Edward P. Thompson para a historiografia, por trazer para o centro da análise a ideia de experiência histórica. Segundo Barros:

(...) a preocupação de Thompson em examinar a Cultura e a Sociedade não do ponto de vista do poder instituído, das instituições oficiais ou da literatura reconhecida, mas sim da perspectiva popular, marginal, incomum, não-oficial, das classes oprimidas – o que também o coloca como um dos pioneiros da chamada História Vista de Baixo. (BARROS, 2011, p. 44)

De acordo com Jim Sharpe (2011), a expressão “História Vista de Baixo” surge em 1966, quando Edward Thompson publicou um artigo sobre *The History from Below* (A História de baixo) em *The Times Literary Supplement* (O Suplemento Literário do Tempo). A partir de então, historiadores passam a inserir tal conceito em sua linguagem. Essa nova perspectiva atraiu historiadores que já demonstravam interesse em ampliar os limites da disciplina e abrir

¹ BURKE, PETER. *Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro*. IN: BURKE, PETER (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

novas áreas de pesquisa, possibilitando a exploração de experiências históricas de homens e mulheres cuja existência era frequentemente ignorada pelo paradigma tradicional. A perspectiva apresentada por Thompson, de escrever a história “vista de baixo”, dando visibilidade às experiências passadas da população comum, de acordo com Sharpe, é portanto, atraente. Porém, assim como Peter Burke em seu ensaio aponta para os problemas da nova história, Sharpe ressalta sobre as dificuldades em estudar a história com essa perspectiva, que gira em torno da evidência, e em segundo, de conceituação (SHARPE, 2011, p. 40-43).

Com relação às dificuldades em torno das evidências, Sharpe explica que:

Em geral, entretanto, quanto mais para trás vão os historiadores, buscando reconstruir a experiência das classes sociais inferiores, mais restrita se torna a variedade de fontes a sua disposição. Como veremos, um excelente trabalho tem sido feito com relação aos materiais que realmente persistem para os tempos primitivos, mas o problema é real: os diários, as memórias e os manifestos políticos, a partir dos quais podem ser reconstruídas as vidas e as aspirações das classes sociais inferiores são escassos, antes do final do século dezoito, com exceção de alguns poucos períodos (como as décadas de 1640 e 1650 na Inglaterra). Em segundo lugar, há vários problemas de conceituação. Onde exatamente o “baixo” deve ser alocado, e o que seria feito com a história vista de baixo, uma vez escrita? (SHARPE, 2011, p. 43)

Fica perceptível uma certa preocupação com relação às fontes, pois até então, utilizava-se apenas documentos oficiais para a escrita de uma história como ciência, mas ao voltarem-se para a história do passado das “pessoas comuns”, o acesso à fontes oficiais e variadas passa a ser escassa e se torna um problema para os historiadores. Esse problema com relação a quais fontes utilizar para dar voz as pessoas comuns, também é apontado por Hebe Castro, onde a autora afirma que “a prática e o debate metodológico em relação ao uso da técnica de história oral neste campo têm sido intensos nos últimos vinte anos, mapeando seus avanços e limitações. Um intenso intercâmbio com a antropologia permitiu transformar mitos, rituais e imagens em fontes históricas” (CASTRO, 1997, p. 51).

Simultaneamente a esse processo, novos campos, como a história das mentalidades, a micro-história e a história cultural, são desbravados por historiadores ligados ao movimento dos *Annales* que, como visto anteriormente, havia se iniciado na França nas primeiras décadas do século XX. Ronaldo Vainfas (1997) afirma que a história das mentalidades procurou afirmar-se como campo ou disciplina específica do conhecimento histórico na década de 1970, e que a mesma é filha diletta dos *Annales*, pois desde Bloch e Febvre já existia uma preocupação, desde os primórdios da revista, com os modos de sentir e pensar. Porém, a história das mentalidades foi desde então criticada por vários historiadores por motivos de, afastar-se da tradição dos *Annales*, por ser antropológica ao privilegiar a estagnação das estruturas na longa

duração, e ao mesmo tempo, por ser “insuficientemente antropológica”, acusada de ser pretensiosamente “nova”, entre outros motivos.

No Brasil, a difusão das mentalidades foi tardia. Dessa forma a crítica só se deu no final da década. Foi Ciro Flamarion Cardoso quem a fez em seus *Ensaio racionalistas* “acusando os historiadores das mentalidades de se dedicarem ao estudo do periférico, de iluminar fantasmas e, sobretudo, de negar as totalidades sintéticas da história, renunciando a posturas explicativas e propagandeando uma história ‘reacionária’ desprovida de contradições” (VAINFAS, 1997, p. 190).

As críticas feitas a história das mentalidades tem também uma relação com o problema de definição e de delimitação do campo teórico e metodológico, por serem imprecisos e ambíguos, contribuindo assim para o desgaste da própria noção de história das mentalidades. Dessa maneira, Vainfas aponta para o “declínio” das mentalidades e a deserção dos historiadores a elas dedicados para outros campos, que a partir de 1980 é possível verificar o surgimento de uma série deles (VAINFAS, 1997, p. 217).

Entre esses “novos” campos que surgem, um deles é a micro-história e outro, a história cultural. Nos anos 1970 a micro-história é reivindicada pela pesquisa e reflexão historiográfica de um grupo de historiadores, porém, só se afirmou sobretudo nos anos 1980, podendo ser considerada, como coloca Vainfas, como uma das manifestações da história das mentalidades, no tocante aos temas e recortes no seu interior (VAINFAS, 1997). O autor ressalta ainda que, o grande refúgio da história das mentalidades foi o da chamada História Cultural, sendo considerado como um outro nome para a história das mentalidades, pois apesar de rejeitar o conceito de mentalidades, ela não nega a relevância dos estudos sobre o mental, não recusa a aproximação com a antropologia, nem a longa duração, não rejeita os temas e a valorização do cotidiano. Entretanto, essa “nova história cultural”, que se distingue da antiga história da cultura, tem uma preocupação com o popular e com os conflitos socioculturais como objeto de investigação.

Ainda sobre a Nova História Cultural, Barros (2011) discute sobre a interconexão entre a História Cultural e a Micro-história, que tem Carlo Ginzburg como um dos nomes mais importantes. Neste caso, a antropologia contribui para a História Cultural proporcionando uma nova abordagem a partir da “descrição densa”, atentando-se aos detalhes, à redução da escala de observação, combinando-se aos procedimentos micro-historiográficos (BARROS, 2011). Outra corrente também importante para a Nova História Cultural, de acordo com Barros, foi aquela que tem atentado para os aspectos discursivos e simbólicos da vida sociocultural. Tendo Michel de Certeau como maior contribuinte dessa corrente, “através de seu interesse pelos

“sujeitos” produtores e receptores de cultura – o que abarca tanto a função social dos ‘intelectuais’ de todos os tipos, até o público receptor, o leitor comum, ou as massas capturadas modernamente pela chamada ‘indústria cultural’” (BARROS, 2011, p. 41).

No Brasil, Vainfas afirma que a Nova História tardou a penetrar no âmbito da historiografia, só o fazendo a partir da década de 1980, período em que as mentalidades já estavam em processo de reformulação na França e a nova história cultural despontava como sua “herdeira”. O autor justifica essa defasagem na historiografia brasileira, chamando atenção para o regime militar, que na década de 70, estava em seu apogeu, constringendo as ciências humanas e a própria política editorial no país (VAINFAS, 1997).

Entretanto, vale ressaltar que no Brasil antes mesmo de haver essa penetração das mentalidades e da nova história cultural na historiografia, é possível identificar estudos de autores brasileiros que no início do século XX demonstravam interesse em temáticas referentes à cultura no período colonial, e que foram além, sugerindo novas fontes e orientações teórico-metodológicas. Quem faz uma análise sobre tais autores é Laura de Mello e Souza (1998), a qual chama a atenção para a aproximação de autores como Capistrano de Abreu (1907), Paulo Prado (1928), José de Alcântara Machado de Oliveira (1929), Gilberto Freyre (1933) e Sérgio Buarque de Holanda (1936), com a história das mentalidades e a história da cultura.

De acordo com Souza (1998), Gilberto Freyre na década de 30, período em que na França era fundada a revista dos *Annales*, já realizava inovações no uso de fontes e temáticas, tornando-se pioneiro nas análises sobre a infância, festa, família, amor, sexo, morte, paisagem e natureza. Na mesma década, Sérgio Buarque de Holanda dá início a uma história cultural madura e rigorosa do ponto de vista teórico e metodológico, coincidindo simultaneamente com as temáticas e metodologias de Febvre, Bloch e Braudel (SOUZA, 1998).

A influência de Sérgio Buarque de Holanda no plano dos estudos de cultura talvez não se tenha feito notar de imediato. Nos finais dos anos 50, a historiografia começava a se caracterizar por trabalhos mais econômicos, gravitando em torno das obras de Caio Prado Jr. e de Celso Furtado. Como se verá adiante, a história da cultura só começou a ganhar força no final dos anos 70. (SOUZA, 1998, p. 28)

O que é apontado pela autora é de suma importância para percebermos que, antes do surgimento da expressão “história das mentalidades” e “história cultural”, e de sua penetração na historiografia brasileira, já havia entre os historiadores inquietações para objetos de estudo parecidos, voltados para o cultural. De acordo com Vainfas, um dos marcos da Nova História no Brasil na década de 80, talvez tenha se dado com o livro *O Diabo e a Terra de Santa Cruz* de Laura de Mello e Souza, apoiada em fontes inquisitoriais e assumidamente inscrita no campo

das mentalidades. A partir de então, outros vieram contemplar temas da história das mentalidades ou adotando abordagens da história cultural:

No tocante às temáticas, a história da sexualidade e das moralidades cotidianas tem sido muito frequentada, e dentro dela a história da condição feminina. É o caso do meu próprio *Trópico dos pecados* (1989) e, mais recentemente, de *Ao sul do corpo* e de *Teatro dos vícios*, obras respectivamente de Mary Del Priore e de Emmanuel de Araújo (1993). É o caso dos inúmeros artigos de Luiz Mott sobre o homossexualismo nas fontes do Santo Ofício. É o caso, saindo do período colonial, de *Meretrizes e doutores* (1989), de Magali Engel, ou de *Os prazeres da noite* (1991) de Margareth Rago, dois estudos sobre o tema da prostituição entre os séculos XIX e XX. (VAINFAS, 1997, p. 238-239)

A partir da citação a cima, destaca-se a presença de um dos estudos de Mary Del Priore sobre a história da condição feminina, como um dos marcos desse movimento no Brasil do fim dos anos 80 e início dos 90. Vale ressaltar, assim como aponta Daura Amália Câmara (2015), que junto a essas novas posições que passam a influenciar a historiografia brasileira, a história das mulheres se incluem em paralelo às mudanças temáticas da história social no Brasil, a partir da década de 80.

Sobre a chegada dessas abordagens ao Brasil, Hebe Castro afirma que:

Ao contrário da tradição europeia, aqui as ciências sociais organizaram-se pioneiramente no mundo acadêmico, especialmente na Universidade de São Paulo. Neste processo, pode-se dizer que foram as ciências sociais que se abriram para a história e que a profissionalização do historiador, nas universidades brasileiras, se fez fortemente marcada pela influência das abordagens econômicas e sociológicas, predominantes na década de 1960 (neste sentido a historiografia universitária no Brasil já nasceria ‘nova’). É marcante a influência da história econômica e social, à maneira dos *Annales*, nas abordagens adotadas pelos historiadores das décadas de 1950 e 1960, especialmente na Universidade de São Paulo.” (CASTRO, 1997, p. 55)

Foi a partir da chegada da história social no Brasil em 1960, como explica Hebe Castro, que a história da família passa a se constituir como tema de estudo, e começam a surgir questões mais gerais, referentes à nupcialidade, fecundidade, equilíbrio entre os sexos e estrutura familiar, expandindo-se também para novas áreas, como a história das mulheres e da sexualidade (CASTRO, 1997, p. 56).

No artigo *A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero*, Rachel de Soihet e Joana Maria Pedro traçam a trajetória da formação do campo historiográfico intitulado “História das Mulheres e das Relações de Gênero” no Brasil. Sobre essa questão, as autoras recorrem a Silva Dias, afirmando que:

Silva Dias discorreu sobre a questão, assinalando o desdobramento desse movimento em várias correntes: revisionismo neomarxista, escola de Frankfurt, historiadores das mentalidades e do discurso, no sentido da desconstrução de Derrida ou na linha de Foucault. O conhecimento histórico, tornou-se relativo, tanto a determinada época do passado, como a uma dada situação do historiador no tempo, o qual procura interpretar os processos de mudança através do conhecimento dialético. Tal panorama tornou mais factível a integração da experiência social das mulheres na história, já que sua

trama é tecida basicamente a partir do cotidiano e não de pressupostos rígidos e de grandes marcos. (SOIHET; PEDRO, 2007, p. 284-285)

A colocação citada a partir da perspectiva de Silva Dias, aponta para o fato de que todo esse panorama que vinha acontecendo na historiografia no século XX, criou meios para a integração da experiência social das mulheres na história, e isso se deu principalmente, a partir da história das mentalidades que logo em seguida abrirá caminhos para o estudo da vida privada.

De acordo com Rachel Soihet (1997) e Joan Scott (2011) foi o desenvolvimento dos novos campos como a história das mentalidades e a história cultural que veio reforçar o avanço na abordagem do feminino, junto ao movimento feminista, ocorrido a partir dos anos 60, que contribuiu, ainda mais, para o surgimento desse campo de estudo. Soihet (1997), no decorrer das discussões em relação à necessidade de revisão dos recursos metodológicos e a ampliação dos campos de investigação histórica, através do tratamento das esferas em que há maior evidência da participação feminina, ressalta sobre a necessidade de se focalizar as relações entre os sexos e a categoria de gênero:

Gênero tem sido, desde a década de 1970, o termo usado para teorizar a questão da diferença sexual. Foi inicialmente utilizado pelas feministas americanas que queriam insistir no caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. A palavra indica uma rejeição ao determinismo biológico implícito no uso de termos como 'sexo' ou 'diferença sexual'. O gênero se torna, inclusive, uma maneira de indicar as 'construções sociais' – a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. O 'gênero' sublinha também o aspecto relacional entre as mulheres e os homens, ou seja, que nenhuma compreensão de qualquer um dos dois pode existir através de um estudo que os considere totalmente em separado. Vale frisar que esse termo foi proposto por aqueles que defendiam que a pesquisa sobre as mulheres transformaria fundamentalmente os paradigmas da disciplina; acrescentaria não só novos temas, como também iria impor uma reavaliação crítica das premissas e critérios do trabalho científico existente. Tal metodologia implicaria não apenas 'uma nova história das mulheres, mas uma nova história'." (SOIHET, 1997, p. 279)

Partindo dessa necessidade de compreensão das relações de gênero, que surge no Brasil com a história das mulheres, que se tornou possível, graças a introdução da história social juntamente com a história das mentalidades e principalmente da Nova História Cultural, que Mary Del Priore passa a realizar pesquisas sobre as mulheres. Em uma entrevista disponibilizada pelo blog *História Hoje* – organizado pela própria historiadora e pela jornalista e historiadora Márcia Pinna Raspanti – intitulada “Não somos anjos”, ela fala sobre a escolha de estudar a história das mulheres no Brasil. Uma das perguntas que aparece no decorrer da entrevista, é a seguinte: “Você escreveu vários livros relacionados às mulheres e à sexualidade, como ‘Histórias Íntimas’. Quando essas temáticas começaram a lhe despertar interesse de pesquisa? Por quê?”. Como resposta:

Nos anos 80 e 90 era comum nas universidades brasileiras adotar temas estrangeiros. O do “gênero” foi um deles. Com a contribuição de vários autores e o suporte de

documentos históricos, pude me lançar na pesquisa e mergulhar fundo na vida de nossas antepassadas. Não por acaso, essa foi a década em que os movimentos feministas prosperaram, em que as mulheres começaram a entrar massivamente para o mercado de trabalho e o uso da pílula democratizou-se. Nessa conjuntura, o estudo do passado para entender o papel das mulheres no presente, foi fundamental. Só comparando o nível de submissão de nossas avós, às conquistas do presente, podemos nos dar conta do que ainda temos pela frente e das lacunas a preencher. E não é pouco. Romper com o machismo das próprias mulheres seria um destes desafios. (DEL PRIORE)²

A resposta dada por Del Priore, reafirma a relevância das temáticas que se tornaram possíveis com os novos campos que surgiram a partir da história das mentalidades e da nova história cultural que chegavam ao Brasil. Além disso, essa nova historiografia teve influência também na relação e aproximação que a mesma construiu com a Literatura. Assim, além de se interessar por temas e sujeitos novos, a pesquisadora se dedica a “novas” fontes. Ela não apenas dá um novo tratamento às fontes tradicionais, como introduz novos documentos tais como cartas íntimas, diários, e a literatura.

Dentre os vários trabalhos e obras da autora, no qual a mesma se debruça sobre os temas relacionados à história das mulheres, do amor, da intimidade, do corpo e das relações de gênero, podemos citar algumas como, por exemplo, *Ao Sul do corpo* (1993), *História das Mulheres no Brasil* (1997), *Corpo a corpo com a Mulher* (2001), *História do amor no Brasil* (2005), *História dos homens no Brasil* (2013) e *Histórias e conversa de Mulher* (2013).

De acordo com Eduardo Navarrete (2011) a Nova História Cultural tem como referências, não mais a Sociologia, mas a Antropologia e a Teoria Literária, e tem como denominador comum de suas diferentes abordagens o uso da linguagem como metáfora da realidade humana. Com a abertura para com outras disciplinas, podia-se tratar os novos objetos tomando de empréstimo técnicas de análise de disciplinas vizinhas, tal como também ressalta Chartier:

O desafio lançado à história pelas novas disciplinas assumiu diversas formas, umas estruturalistas, outras não, mas que no conjunto puseram em causa os seus objetos – desviando a atenção das hierarquias para as relações, das posições para as representações – e as suas certezas metodológicas – consideradas mal fundadas quando confrontadas com as novas exigências teóricas. (...) A resposta dos historiadores foi dupla. Puseram em prática uma estratégia de captação, colocando-se nas primeiras linhas desbravadas por outros. Daí a emergência de novos objetos no seio das questões históricas: as atitudes perante a vida e a morte, as crenças e os comportamentos religiosos, os sistemas de parentesco e as relações familiares, os rituais, as formas de sociabilidade, as modalidades de funcionamento escolar, etc.” (1990, p. 14)

² Entrevista “Não somos anjos” por Mary Del Priore, disponibilizada no blog *História Hoje*. Disponível em: <<http://historiahoje.com/nao-somos-anjos-por-mary-del-priore/>>

A partir desses novos objetos no seio das questões históricas como colocado por Chartier, a utilização de novas fontes torna-se necessário para tornar possível o estudo sobre as novas temáticas. Dessa maneira a literatura surge como possibilidade de fonte. A este respeito, Sandra Jatahy Pesavento (1996) chama a atenção ao citar um apontamento feito por Febvre, no qual ele afirma que a literatura se configura como uma fonte para o registro das sensibilidades passadas e também como forma pela qual se difunde e socializa a sensibilidade de uma época junto ao seu público (PESAVENTO, 1996, p. 109). Por ser um tipo diferencial de fonte, Pesavento afirma que para fazer uso da mesma é preciso que o historiador ou historiadora siga a “pedagogia do olhar”, que significa ter sensibilidade no olhar para entender aquilo que Chartier chama de representação.

Essa relação que passa a existir entre a História e a Literatura já foi bastante discutida por diversos autores, como por exemplo, Gerson Donato (2007) e a própria Sandra Pesavento (1996). Esses estudos que pensam essa relação tentam estabelecer quais as aproximações e distanciamentos existentes entre a História e a Literatura, no qual a história aparece como uma narrativa que se preocupa com a verdade e com o real por ser científica, já a literatura é vista como uma narrativa de ficção e do imaginário. Porém, de acordo com Chartier a história e a literatura se aproximam por serem duas formas de representação.

De acordo com Chartier (1991) o conceito de representação nas definições antigas atestam dois sentidos aparentemente contraditórios, por um lado a representação faz presente algo que está ausente, e no segundo sentido, é uma apresentação de algo presente; essa relação entre uma imagem presente e um objeto ausente traça a teoria do signo do pensamento clássico. Já em *A História Cultural: entre práticas e representações* (1990), ele apresenta o conceito de representação como uma percepção do social, e diz o seguinte:

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. (...) As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e dominação. As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são seus, e o seu domínio. Ocupar-se dos conflitos de classificações ou de delimitações não é, portanto, afastar-se do social – como julgou uma história de vistas demasiado curtas –, muito pelo contrário, consiste em localizar os pontos de confronto tanto mais decisivos quanto menos imediatamente materiais. (CHARTIER, 1990, p. 17)

Nessa perspectiva apontada por Chartier, compreende-se a representação como já dito anteriormente, como uma percepção sobre o mundo social, que é construído a partir do interesse do(a) autor(a) que escreve, e que não existe uma neutralidade, pois são inclusive, um forma de mecanismo de luta social. Dessa maneira, podemos identificar a aproximação entre a História e a Literatura, como duas formas diferentes de representação, uma que se compromete em aproximar-se o máximo possível do real, e a segunda utiliza-se do imaginário porém não deixa de beirar o real, afinal, a imaginação se dá a partir de algo que já existe ou que existiu.

Esse diálogo interdisciplinar entre a História e a Literatura, que se torna possível com a nova história cultural, é percebido em vários trabalhos da autora Mary Del Priore, principalmente após seu interesse pelo meio editorial, que se deu a partir do caminho que trilhou após sua especialização e pós-doutorado realizado na França em meados de 1990, período em que, de acordo com Daura Amália de Nascimento Câmara (2015), surgia uma nova geração de historiadores brasileiros. Entre suas obras que é perceptível um interesse no público não acadêmico. Podemos citar obras como *O príncipe maldito*, *Castelo de papel* e *Matar para não morrer*, nos quais é perceptível um estilo de narrativa histórica que dialoga com aspectos literários presentes em um romance. Como aponta Flávia Renata Machado Pains (2014), esse diálogo se dá desde a escolha do tema até as figuras de linguagens. Mas é importante ressaltar que mesmo realizando essa relação com a literatura, Del Priore mantém um rigor historiográfico característico da história enquanto ciência.

Em sua trajetória, Del Priore se aproxima da narrativa literária, apresentando um visível gosto pela literatura, ao ponto em que chega no momento de sua carreira em que sente a necessidade de se assumir enquanto escritora, permitindo-se escrever um romance histórico. *Beije-me onde o sol não alcança* seu primeiro romance se configura como a inversão do caminho construído pela autora até então. Se em suas pesquisas historiográficas a literatura aparece não apenas como fonte, mas como estilo de escrita, no seu primeiro romance histórico, encontraremos traços da pesquisa histórica e de temas, problemas, sujeitos e fontes recorrentes nos movimentos historiográficos que marcaram as pesquisas realizadas nas últimas décadas do século XX e início do século XXI. Ao qual nos interessa na análise que será realizada no capítulo seguinte. Mas, antes de partir para o estudo do romance, é preciso ainda entender o que é o romance histórico.

1.2 CARACTERÍSTICAS DO ROMANCE: HISTÓRICO E EPISTOLAR.

O que nos leva a considerar o livro *Beije-me onde o Sol não alcança* como sendo um romance histórico? Afinal, o que é o romance histórico?

Os autores Marilene Weinhardt (1994) e Carlos Alexandre Baumgarten (2000) a partir do trabalho pioneiro de George Lukács (1937) afirmam que o romance histórico surge no século XIX, e tem origem junto a obra literária de Walter Scott. Além disso, afirma que o surgimento se deu juntamente a vigência do Romantismo que tentava definir as diferentes nacionalidades europeias e americanas (BAUMGARTEN, 2000). Tais autores, apresentam as marcas do romance histórico a partir do que foi apontado por Lukács (1937):

Ao romance histórico não interessa repetir o relato dos grandes acontecimentos, mas ressuscitar poeticamente os seres humanos que viveram essa experiência. Ele deve fazer com que o leitor apreenda as razões sociais e humanas que fizeram com que os homens daquele tempo e daquele espaço pensassem, sentissem e agissem da forma como o fizeram. Trata-se de uma norma da figuração literária, aparentemente paradoxal, que se alcance esta apreensão focalizando os detalhes do cotidiano que parecem insignificantes. (WEINHARDT, 1994, p. 51)

Nessa perspectiva, a narrativa do romance histórico se dá na esfera popular e no cotidiano. Pedro Brum Santos (2011) também se debruçando sobre a definição de Lukács, afirma que na caracterização desse estudioso, a consciência histórica do romancista conta mais do que a representação do passado. Pois é graças a essa consciência que o escritor se dispõe a adquirir conhecimentos específicos sobre seu povo para chegar à “verdade histórica” (SANTOS, 2011, p. 283). Dessa maneira, é notável que no romance histórico é preciso fazer um diálogo entre a narrativa literária e a historiografia, para que a história literária se aproxime da verossimilhança.

No Brasil, ainda de acordo com Santos (2011) o romance histórico nasce romântico com os temas indianista e ruralista, colocando os tópicos da nacionalidade, difundida no século XIX, que assim como na historiografia, buscava formar a ideia de nação integrando na produção literária a cena pátria. De acordo com Flávio Loureiro Chaves, o Romantismo brasileiro “visava intencionalmente à documentação direta da realidade” (CHAVES, 1999, p. 15). Dessa forma o Romantismo ofereceu à literatura a dimensão de sua historicidade, momento em que a ficção assume a consciência política da sociedade (CHAVES, 1999). Com esse projeto nacionalista do romantismo, os autores de ficção passam a utilizar estudos historiográficos para a escrita do romance histórico.

A consciência histórica buscou reascender sob o romance regionalista, que de acordo com Marisa Lajolo, estreou na prosa de ficção em 1865. Na virada do século XIX para o XX,

o regionalismo se fortalece, e a inspiração de caráter histórico cede lugar a um maior cuidado de fundo sociológico, e em 1870 há uma diminuição no número de obras ficcionais orientadas pela historiografia.

Marisa Lajolo (2004) ao analisar alguns romances históricos brasileiros em um dos capítulos de seu livro, destaca algumas características e estratégias utilizadas pelos autores, como por exemplo, a utilização de notas de rodapé e a inclusão de citações bibliográficas como prova da veracidade do que está sendo narrado, usada por José de Alencar em *O Guarany* (1857); a utilização e apresentação de referências, e a quebra de narrativa para apresentar trechos de documentos. Além desses aspectos mais estruturais, o romance histórico também se caracteriza por questões que aparecem nas entrelinhas da narrativa, como por exemplo, a presença de tensões sociais, a violência, a pluralidade cultural, além de episódios da história do Brasil e do mundo (LAJOLO, 2004).

A partir de tais características apresentadas, é possível analisarmos a obra de Del Priore, como sendo um romance histórico, e isso justifica-se por diversos fatores presentes no livro. De início, ao entrar em contato visual com o volume, podemos visualizar o título, e logo a baixo o nome “romance”, que mostra a necessidade que a autora (ou editora) sentiu em deixar claro que este não é um livro de história e sim uma narrativa literária, já que este é o primeiro livro em que a historiadora assume como sendo romance. Essa necessidade continua, e se torna notável na terceira página do livro, onde aparece a seguinte frase “Esta é uma obra ficcional, baseada em pesquisas e documentos históricos”, aqui, a autora elucida o tipo de obra que está escrevendo, e que podemos afirmar que apresenta uma das características do romance histórico, pois confirma ser uma narrativa escrita com base em pesquisas e documentos historiográficos.

Ainda em um primeiro contato com o livro, ao olharmos a capa de fundo, podemos realizar a leitura de uma pequena sinopse do romance, que diz o seguinte:

Em sua estreia como romancista, a consagrada historiadora Mary del Priore narra a fascinante trajetória de três personagens reais: um conde russo, que vem ao Brasil casar-se com a herdeira de um barão de café e envolve-se com uma ex-escrava. Ao traçar esta história de paixões e desilusões amorosas, de sucessos e ruínas, de sedução e traição, a autora também narra uma época. *Beije-me onde o sol não alcança* compõe com precisão o cotidiano de cidades como Paris, São Petersburgo e, sobretudo, Rio de Janeiro, na segunda metade do século XIX. Uma grande história de amor, baseada em documentos reais: um romance verdadeiro.

Mais uma vez, pode-se notar a necessidade de afirmar que este é o primeiro romance da autora, e também reafirma a utilização de documentos reais, diga-se oficiais, na elaboração da narrativa literária, que envolve três personagens retirados de tais documentações, ou seja, personagens que de fato existiram. Já no final da sinopse, conclui-se a leitura com a frase “um romance verdadeiro.”, assegurando mais uma vez ao leitor a veracidade da narrativa. Mas, cabe

aqui, questionarmos, até que ponto a história narrada, tida como romance, é de fato verdadeira? E até que ponto ela é ficção? O que é literatura e o que é História no romance *Beije-me onde o sol não alcança*?

Ao realizar a leitura de *Beije-me onde o sol não alcança*, podemos notar que sua escrita é estruturada em formato de cartas, característica que leva-nos a afirmar que este, além de ser um romance histórico, é também um romance epistolar. De acordo com Lyn Hunt (2009), o romance epistolar cresceu como gênero entre as décadas de 1760 e 1780, e misteriosamente extinguiu-se na década de 1790. Nesse gênero literário, o ponto de vista autoral se dá nas perspectivas dos personagens expressas em suas cartas. No século XVIII, esse formato de romance composto por cartas, tinha como intuito a aproximação do leitor com o personagem, como se o mesmo pudesse ser real e não fictício, Hunt afirma que esse efeito podia ser produzido, “porque sua forma de narrativa facilitava o desenvolvimento de um ‘personagem’, isto é, uma pessoa com um eu interior” (HUNT, 2009, p. 43). Essa característica do romance epistolar proporciona ao leitor além da aproximação com os personagens, a realização de uma leitura rápida, leve e agradável, pois como estão em formato de cartas, consequentemente os capítulos são pequenos e breves.

A partir dessa concepção de romance epistolar, podemos afirmar que Del Priore retoma essa estrutura de romance. De acordo com minhas observações, utiliza para além dessa aproximação entre leitor e personagem, mas como uma forma de provar a veracidade contida na narrativa, característica que nos leva novamente ao romance histórico. Isso pode ser observado quando a autora utiliza-se de notas nos títulos das cartas levando o leitor ao final do livro para mostrar que a carta que ele irá ler foi a escrita pelas pessoas reais que são colocados por Del Priore como personagens de seu romance.

No decorrer da leitura, como já notado anteriormente, pode-se encontrar notas que levam o leitor às últimas páginas do romance, onde lá poderá encontrar algumas informações que não estão contidas na narrativa. Essas informações se referem especificamente a: traduções e significados de palavras, referências à obras citadas no decorrer da narrativa, a lugares e pessoas, explicações de termos utilizados na Rússia e na França, descrição de lugares que foram citados, confirmação de datas reais de determinados acontecimentos da narrativa, informações a serem acrescentadas sobre questões e momentos que aparecem durante a história narrada que aconteceram de fato, apontando alguns dados e datas que foram retirados de documentos, confirmação do uso e descrição fiel das cartas autênticas dos personagens (reais), e também da supressão de algumas informações contidas nas mesmas, que não convinha aparecer na

narrativa, como por exemplo, questões econômicas e da vida social referente a amigos, e por fim, sobre o uso de documentos oficiais do Arquivo da cidade de Pirai.

Ao todo, são 51 notas que além de ajudar o leitor na compreensão de determinadas questões, tem um papel principal, que é o de confirmar a veracidade da narrativa, característica que marca o romance histórico. O que diferencia no romance de Del Priore em comparação a autores, como por exemplo José de Alencar em *O Guarany* como foi apontado por Lajolo (2004), é a utilização das notas no final do livro, ao contrário do que fez Alencar ao colocar as mesmas no fim das páginas. De certa forma, essa pode ter sido uma estratégia para que a leitura não se tornasse cansativa, preferindo apresentá-las dessa maneira, para que possam ser consultadas a depender da curiosidade e interesse do leitor. Essa preocupação da autora em utilizar notas, é percebida aqui como já dito anteriormente, como uma maneira de confirmar a veracidade da narrativa, pois apesar de estar desde o início afirmando ser uma obra ficcional, como já assinalado na análise da sinopse do livro contida no fundo da capa, ela também destaca sobre o uso de documentos em sua pesquisa para a construção do romance, ou seja, há uma necessidade de provar para o leitor que o romance, apesar de ser ficcional, contém fatos que envolveram personagens que viveram no passado.

Outro aspecto importante que aparece após as notas que estão no final da obra, é a indicação da bibliografia que Del Priore fez uso durante a pesquisa para a elaboração e escrita do romance. A prática da pesquisa e uso da historiografia para a escrita da literatura, é mais uma das características presentes entre os escritores que optam pelo romance histórico. As bibliografias aparecem divididas em dois tópicos, ao qual ela chama de: fontes primárias e fontes secundárias. Nas fontes primárias podemos identificar principalmente a utilização de referências e fontes francesas sobre diferentes tópicos relacionados a questões sociais francesas e também referentes ao Brasil imperial. Entre a bibliografia francesa apresentada, estão presentes textos sobre Napoleão III, a Rússia, e o império brasileiro, e também de literatura. Entre as fontes, estão os jornais franceses *Gil Blas*, *Journal d'agriculture tropicale*, *Le Figaro*, *L'Europe Artiste*, *Le Temps*, *La Gazette des Femmes*, *La lanterne*³, entre outros. Além dos jornais franceses, fez uso também do Jornal *Correio Mercantil* da Bahia. Já entre a bibliografia brasileira, estão textos sobre a cidade do Rio de Janeiro, aspectos da civilização brasileira, o fim do período imperial, a abolição da escravidão, e entre eles, as *obras completas* de Machado de Assis.

³ Os jornais citados e outros também utilizados por Mary del Priore, estão em acervo disponibilizados pelo site BnF Gallica, e podem ser acessados através do link: <http://gallica.bnf.fr/accueil/?mode=desktop>.

Na segunda parte, que ela chama de fontes secundárias, está a maior parte da bibliografia, que estão relacionadas aos diversos temas que irão aparecer na narrativa e que ficará mais evidente quando for feita a análise das representações de gênero, no segundo capítulo deste trabalho. Na bibliografia que nos é apresentada, estão presentes as seguintes temáticas: a história do Vale da Paraíba, a história de Sant'Ana do Piraí, os barões do café e suas fazendas e a economia cafeeira. Durante a leitura do romance podemos perceber a presença desses temas, estudados pela autora, em diferentes momentos, um deles podemos notar no início da narrativa, quando nos títulos dos capítulos aparece o nome do lugar onde a história se desenrola, que neste caso é na Fazenda Bela Aliança, que fazia parte de O Piraí, na região do Vale do Paraíba – RJ. Outro exemplo, é quando o personagem Maurice Haritoff chegando ao Brasil, fala em uma de suas cartas, sobre os barões do café que seria apresentado a ele por Luís Cezar – personagem que se casa com uma das irmãs Haritoff – mostrando seu interesse pela economia cafeeira, que seria a garantia e o meio de gerar riquezas para sua família, que se encontrava em Paris, na França.

Outro tema que aparece nessas referências é o da escravidão. Afinal, a história presente no romance se passa em finais do século XIX, do período em que a escravidão ainda fazia parte da sociedade brasileira, passando pelo processo de lutas pela libertação dos escravos, até a abolição da escravatura, e que tem como personagem, Regina Angelorum, negra ex-escrava, que se envolve no triângulo amoroso que se dá no romance. Entre os textos referenciados, alguns falam sobre as relações entre os escravos e os senhores, entre os negros escravizados e os libertos, a emancipação e socialização dos escravos, a formação de famílias, o casamento, das doenças, da saúde, da magia, dos cosméticos, da culinária, a crise da estrutura escravista, as irmandades, etc. Em meio a esse tema, Del Priore utiliza algumas obras de Gilberto Freyre, que no tópico anterior, pudemos perceber através da análise de Laura de Mello e Souza, que ele foi um dos precursores da história das mentalidades e da nova história cultural no Brasil, por mais que não seja o lugar para definir os campos, ele se aproxima dessas correntes teóricas.

E por fim, e não menos importante, estão entre a bibliografia, a temática relacionada a história da infância, da vida privada, a história das mulheres, das relações de gênero, da moralidade, da masculinidade, do prazer e do corpo feminino. Inclusive, ela faz uso de três de suas obras: *Ao Sul do Corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil colonial*, *O Castelo de Papel* e *O Príncipe Maldito*. Obras que falam sobre a condição feminina no Brasil colonial e sobre o período imperial, dos movimentos abolicionistas e a derrocada do império. Essa parte da bibliografia é de suma importância, pois mostra o lugar de fala, e o posicionamento da autora ao escrever o romance. Ela não se dissocia das temáticas que lhe

interessam enquanto pesquisadora e historiadora, ao escrever o romance histórico, partiu de um campo da pesquisa em que ela já fazia parte, o campo da História das Mulheres, da História da vida privada, das relações de gênero, e da História do Brasil. Ou seja, fica explícito o diálogo com as diversas abordagens historiográficas que marcaram o século XX as quais foram apresentadas no primeiro capítulo deste trabalho. É por este viés que a autora tece sua relação intertextual com a História. Na obra aqui analisada, encontram-se temas que marcaram a produção historiográfica das últimas décadas tanto no Brasil como no exterior.

Uma questão interessante para fazer sobre o romance de Mary Del Priore, é se ele se encaixaria no campo da micro-história. Como já foi citada no tópico anterior, a micro-história é reivindicada pela pesquisa em 1970, e de acordo com Giovanni Levi (2011) e Henrique Espada Lima (2012) ela se caracteriza pelo seu recorte temático, a redução da escala, a pequena indicação como um paradigma científico, o papel do particular mas não em oposição ao social, a atenção à capacidade receptiva à narrativa. Ou seja, a sua proposta é considerar a realidade histórica olhando aspectos da realidade em escala reduzida, fazendo novas perguntas e encontrando respostas que permitam a compreensão geral dos processos de investigação do passado. Ao analisar a narrativa do romance é possível perceber que a história parte de um triângulo amoroso, ou seja, de momentos que acontecem na vida privada e no cotidiano desses personagens. A partir do romance vivido pelo casal Nicota e Maurice e de questões particulares, pôde-se compreender questões maiores que aconteciam no Brasil imperial e também na Rússia, como por exemplo, quando Maurice chega ao Brasil com a intenção de conseguir um casamento, e é informado sobre a situação política do império, que se preparava para a guerra contra o Paraguai. Em toda a narrativa, a história de amor entre os personagens que acaba se envolvendo em um triângulo amoroso, pode-se notar questões que partem do privado para o público, ou seja, do micro para o macro.

Como já citado no exemplo acima, o personagem Maurice ao chegar no Brasil recebe informações sobre a situação do império perante uma guerra contra o Paraguai. Se voltarmos a pergunta feita anteriormente sobre o que há de ficção e o que há de história em *Beije-me onde o sol não alcança*, já se torna possível perceber alguns aspectos que apontam para acontecimentos históricos que se encontram na narração. Vejamos alguns exemplos que aparecem nos capítulos ou cartas iniciais.

Primeiro exemplo:

Informaram que o tio de Luís César, certo Marquês de Caxias, acaba de ser indicado comandante-geral das Forças Brasileiras e que se prepara uma guerra contra o pequeno Paraguai. O presidente Lopez quer uma saída para o mar e ameaça constantemente Argentina, Brasil e Uruguai. Os três uniram suas forças meses atrás por meio de um acordo conhecido como a trílice Aliança. Antes, Lopez já aprisionara

um vapor brasileiro e invadira uma longínqua província, certa Mato Grosso: pântanos e índios. Saberei mais quando chegar a terra. Há dez anos, a França assinava o Tratado de Paris, pondo um fim à guerra da Crimeia que fez a fortuna de *papa* e de nosso tio Garfinkel. Não sou supersticioso, mas gostaria que essa guerra também fizesse a minha. (p. 19)

Segundo exemplo:

Soube que um dos tios possui quase quatrocentos escravos, apenas numa fazenda. Dizem que dois deles, irmãos de sua falecida mãe, são os homens mais ricos do Brasil! Devem sua fortuna ao café e ao tráfico de escravos, que é proibido por lei desde 1850. Trazem os africanos em barco próprio, levam serra acima e negociam com lucro de quatrocentos por cento. Esquisitices locais: muitos dos ricos membros dessa família de traficantes – não há outro nome a dar – são abolicionistas, como os ingleses. (p. 35)

No primeiro exemplo aparece algumas informações referentes a Guerra do Paraguai, que aconteceu entre 1864-1870. No romance esses dados aparecem na carta de Maurice para sua mãe em 1864, ano que se iniciou a guerra. Pode-se perceber aspectos da história do Brasil, relacionados a acordos feitos durante o período da guerra e sobre os ataques feitos por Solano Lopez presidente do Paraguai. Essas questões que aparecem no exemplo são acontecimentos históricos, e portanto se aproximam do verossímil.

É possível perceber nestes mesmo exemplos, características da narrativa de ficção. Entende-se aqui o conceito de ficção a partir do que foi apresentado por Pesavento (2006):

Há, sem dúvida, uma definição corrente, explícita no conhecido dicionário Aurélio, que afasta da história a ficção: em uma primeira acepção, ficção é o ato de fingir, simular, e em outra, significa coisa imaginária, fantasia, invenção, criação. (...) Este posicionamento antigo nos fala da ficção/*fingere* como uma criação a partir do que existe, como construção que se dá a partir de algo que deixou indícios. A palavra *fictio*, corrobora Guinzburg, está ligada a *figulus*, oleiro, ou seja, aquele que cria a partir de algo. (...) Na complementação deste entendimento, que afasta a ficção da pura fantasia, Carlo Ginzburg cita Isidoro de Sevilha, quando este escreveu dizendo que falso era o não verdadeiro, *fictio* [fictum] era o verossímil.” (2006, p. 18)

A partir desse conceito de ficção, ao realizar uma leitura do mesmo trecho apresentado no primeiro exemplo, pode-se notar que quem conta sobre o acontecimento é o personagem, e conta para alguém, que é para sua mãe, pois está lhe escrevendo uma carta. Ao mesmo tempo em que ele conta sobre a Guerra do Paraguai, a escritora reinterpreta os acontecimentos históricos a partir do olhar do personagem, que vê aquele momento como talvez uma oportunidade para a formação de sua fortuna. Ou seja, a autora cria esse momento em que o personagem vive a partir de acontecimentos históricos que se deram no período em que a narrativa se insere. Dessa forma, de acordo com o conceito de representação apresentado por Roger Chartier (1991), a ficção aparece como uma forma de representação, ou seja, como uma forma de interpretação do real.

No segundo exemplo, novamente a ficção e a história se envolvem, quando o personagem Maurice conta em seu diário (1865), sobre dois homens que supostamente são os mais ricos do Brasil, que tem sua riqueza concentrada na plantação de café e no tráfico de escravos, que já havia sido proibido no Brasil em 1850, e que em sua família havia adeptos abolicionistas, o que o personagem chama de esquisitice. Podemos perceber a ficção na linguagem da narrativa e na forma imaginativa em que Del Priore faz o personagem contar as informações que a ele chegava. A história aparece nas entrelinhas da narrativa, quando deixa um sinal para o leitor, sobre o tráfico ilegal de escravos que continuou no Brasil mesmo após ter sido proibido por lei, e de como ele foi fator da economia que gerava riqueza.

Esse diálogo entre a ficção e a história se perpassa por todo o romance. Um fator importante que foi possível perceber em relação aos acontecimentos históricos que vão aparecendo ao longo da narração é que eles não estão acompanhados de notas, as notas só aparecem para se referir a documentos utilizados, ou traduções e significados de palavras, como já foi analisado anteriormente. Dessa maneira pode-se afirmar que a autora utiliza as notas para mostrar os momentos em que ela usa as cartas escritas pelas pessoas reais, que se tornaram personagens do romance, entrecruzando realidade e imaginário, impossibilitando assim a separação entre História e Literatura na referida obra.

Por fim, conclui-se que *Beije-me onde o sol não alcança* possui, em sua estrutura e narrativa, as características de um romance histórico, assim como também, de um romance epistolar. Essa análise aqui feita, é importante para compreendermos as escolhas e caminhos seguidos pela autora, assim como o seu lugar enquanto escritora e historiadora, além de também, percebermos as relações existentes entre a ficção e a história, e que se cruzam ao longo de toda a narrativa. Além disso, foi necessária para que percebêssemos a ficção e a história enquanto formas de representação da sociedade.

Vale ressaltar aqui, que essa relação entre a História e a Literatura vai além dos aspectos já citados anteriormente, ela se dá quando a autora reconstrói o cotidiano dos personagens, apresenta em meio a narrativa as relações sociais no contexto pré-abolição, traz também a vida nos salões, a intimidade, e principalmente as relações de gênero. No capítulo seguinte, utilizarei o romance, percebendo-o enquanto uma interpretação da sociedade do final do século XIX, para analisar essas dimensões da cultura, focando sobretudo nas representações de gênero que nele estão presentes, e que estão sendo perpassados entre os leitores que se dispõe desta interessante e cativante obra literária.

CAPÍTULO II - REPRESENTAÇÕES DAS RELAÇÕES DE GÊNERO NO ROMANCE: DIÁLOGOS COM A HISTORIOGRAFIA

O presente capítulo tem como objetivo analisar como a autora Mary Del Priore representa as relações de gênero no romance histórico *Beije-me onde o sol não alcança*. Tal análise será realizada a partir do contexto em que se passa a narrativa, que tem como principais personagens Ana Clara Breves (Nicota) filha de coronel e sobrinha dos reis do café do Vale da Paraíba, Maurice Haritoff conde russo que chega ao Brasil à procura de uma esposa para adquirir riquezas e status social e Regina Angelorum, neta de africanos e filha de agricultor. O romance envolve-os dentro da narrativa que apresenta a história de um casamento arranjado, um amor não correspondido, adultério e uma relação entre um senhor com uma ex-escrava, no qual existe relações de prazer, amor, casamento e herdeiros.

Como já foi apontado no primeiro capítulo, Mary Del Priore, durante sua carreira enquanto historiadora, tem diversas pesquisas e obras escritas sobre a História Cultural, História Social e a História das relações de gênero. Além disso, ficou perceptível sua relação com a Literatura não só como fonte de pesquisa, mas também como estilo de escrita. Tendo em vista a trajetória da autora junto a historiografia, a análise aqui proposta não poderá estar dissociada das fontes primárias e secundárias – analisadas no capítulo anterior – utilizadas pela autora para a escrita do romance histórico, pois elas apontam para temas, problemas, sujeitos e fontes recorrentes nos movimentos historiográficos que marcaram as pesquisas das últimas décadas do século XX e início do século XXI, e que dizem muito sobre como a narrativa foi construída e como a mesma se relaciona constantemente com a história narrada.

Levando tais observações em consideração, a análise das representações de gênero se dará dentro dos temas casamento, amor e honra, os quais marcam toda a narrativa do romance histórico. Para a realização da mesma, dividirei as discussões em dois tópicos específicos. O primeiro intitulei *O homem branco e a mulher branca burguesa: amor versus casamento*, no qual será analisado como Mary Del Priore, a partir dos personagens Nicota e Maurice, representa as relações de gênero marcando o papel da mulher branca burguesa e do homem branco a partir da vida privada e de suas relações íntimas proporcionadas pelo casamento arranjado dos personagens. Percebendo qual o conceito de gênero utilizado pela autora e como as fontes de pesquisa utilizadas estão associadas à maneira como os mesmos são representados.

O segundo tópico intitulei *Mulheres negras e afeto*, no qual irei analisar como a autora, a partir, principalmente, da personagem Regina – estarei analisando também a personagem Maria Gata, negra, curandeira da Botica dos escravos nas fazendas Bela Aliança e na Fazenda

do Pinheiro – representa o papel das mulheres negras no final do século XIX, a partir das relações entre um senhor e uma ex-escrava, que ultrapassa as relações de prazer e passa à constituição de família; não esquecendo de mais uma vez identificar o conceito de gênero que a autora utiliza, percebendo também como as fontes primárias e secundárias utilizadas se relacionam e influenciam na construção da história literária.

2.1 O HOMEM BRANCO E A MULHER BRANCA BURGUESA: AMOR *VERSUS* CASAMENTO

A autora Mary Del Priore apresenta em seu primeiro romance histórico um enredo que tem como cenário o Vale do Paraíba no Rio de Janeiro, Paris e São Petersburgo e que acontece nos finais do século XIX. Como visto anteriormente, a autora retirou seus personagens de cartas e documentos encontrados durante suas pesquisas, fontes essas que serviram de inspiração para a escrita da narrativa literária. De início, pode-se perceber a existência de uma ligação entre a História e a Literatura, que é permitida pela forma como a narrativa do romance histórico é construída.

O romance se desenrola a partir da relação entre Nicota Breves e Maurice Haritoff, que se dá com um casamento arranjado pela família. Temos aqui um primeiro ponto a ser discutido, o casamento arranjado, o qual já começa a apresentar aspectos que marcam a representação dos papéis destinados a mulher branca burguesa e ao homem branco e nesse caso estrangeiro. Na narrativa, Maurice Haritoff chega ao Brasil com a intenção de encontrar uma moça casadoira que financiasse seus planos para conseguir ascensão social e manter seu status de conde. Essa era uma das formas ainda utilizadas pelas famílias ricas e burguesas no Brasil no século XIX como afirma Maria Ângela D’Incao (2017)⁴. Já a personagem Nicota ao ter conhecimento de que seu tio José estaria a procura de uma noiva para o conde russo, já imaginava seu destino, porém, almejava um matrimônio por amor, como o dos romances que lia. Nesse momento apesar de seus desejos, a personagem conta como os casamentos aconteciam no Vale do Paraíba.

No Vale, a maioria dos casamentos acontece em família. Grandes fazendeiros unem suas filhas a tios, sobrinhos ou parentes funcionários do império. Aqui tudo gira em torno das fortunas, que devem se igualar, para dobrar. ‘Se queres casar bem, casa com teu igual’, diz o velho ditado. O prestígio aumenta quando há títulos e honrarias na

⁴ O artigo “Mulher e família burguesa” de Maria Ângela D’Incao, está inserido no livro História das Mulheres no Brasil, organizado por Mary Del Priore. É importante perceber que mesmo a autora não utilizando tal livro como fonte na escrita do romance, o artigo é uma pesquisa de conhecimento da mesma, e por isso pode também estar ligada a maneira como ela escolhe tecer a narrativa.

família, e sobre isso se diz: fulano conseguiu ‘meios de subir as honras’. (DEL PRIORE, 2015, p. 44)

A partir do que conta a personagem, podemos perceber a utilização que a autora faz de pesquisas realizadas como historiadora, talvez para se aproximar mais do leitor, mostrando características de uma época cuja a História tem sido muito estudada pela historiografia das últimas décadas, inclusive pela própria autora. Mary Del Priore, enquanto historiadora, desenvolveu estudos como em *História do amor no Brasil* (2012)⁵, no qual afirma que os casamentos baseavam-se em arranjos familiares ou políticos, pois o mesmo era considerado um negócio, o qual não envolvia gostos pessoais, e se consolidava entre as elites.

O casamento é então arranjado entre Maurice e Nicota, ele com o desejo de ascender socialmente e ela almejando o amor romântico. Com essa ligação íntima entre os personagens, pode-se, a partir das expectativas do noivo e da noiva, notar alguns aspectos que são cruciais para perceber como a autora constrói as representações das relações de gênero no romance e, ao mesmo tempo, o conceito de gênero utilizado por ela.

Ao conseguir a noiva, Maurice escreve para sua mãe para contar as novidades e claro, falar sobre Nicota:

Se me permite uma anedota de gosto duvidoso: será minha temporada de caça à jovem corça. Haverá bailes, jantares e concertos, e terei a oportunidade de dedicar uma atenção benevolente a todos os membros da casa, além de me aproximar dela. Não se trata de amor, mas de interesse agudo à primeira vista.

Mas ela é quase uma menina. Tão pequena, possui ombros frágeis e pequenos. Pergunto-me se eles suportarão o peso de minha felicidade. Tem olhos negros, vivos e brilhantes, e uma maneira de olhar qualquer coisa como se perdida num labirinto íntimo. Suas sobrancelhas, num tom mais claro, são grossas, enfatizando a profundidade desse olhar. O rosto é cativante graças à franqueza da expressão. *Nicothá* parece uma criança distraída. Antes de vir embora, segurei-lhe rapidamente uma das mãos e pressionei meus dedos contra os seus. Sabe o que fez? Sorriu e saiu correndo. Você vai achá-la encantadora. E fique tranquila, *maman*, não é escura. (DEL PRIORE, 2015, p. 54)

Já no começo da descrição ele se refere à Nicota como “corça”, como se a mesma fosse a caça (frágil) e ele o caçador (forte), o personagem chama a atenção para o mau gosto da anedota, porém, pode-se questionar: será que um homem branco estrangeiro dos finais do século XIX, que chega ao Brasil com a intenção de ascender socialmente através do casamento, e que se refere a uma mulher da maneira como a autora coloca, tinha mesmo a consciência do mau gosto de tal adjetivo? É importante fazer tal questionamento pois o mesmo personagem, ao longo da narrativa, demonstra ter pensamentos patriarcais e ver a mulher sempre como sua

⁵ Neste trabalho foi escolhido o sistema autor-data para fazer referência às bibliografias utilizadas. Porém no caso das obras da autora Mary Del Priore, será necessário especificá-las com o nome do livro, pois será utilizado mais de um de seus trabalhos incluindo o romance, para que dessa forma o leitor possa ter uma melhor compreensão deste trabalho.

inferior. Talvez a necessidade de chamar a atenção para o mau gosto de tal anedota, tenha sido uma intenção da autora, tendo em vista que a mesma escreve do presente sobre uma narrativa que se passa no passado. Em seguida, ele reafirma que estará se casando apenas por interesse, não demonstrando nenhum sentimento por Nicota. E continua descrevendo-a como sendo pequena, frágil, perdida, inocente, encantadora e destaca ainda não ser “escura”. Aqui podemos perceber que a mulher branca e de elite é colocada como um ser frágil, delicado e para casar⁶ e que ele esperava que fosse forte o bastante para lhe presentear com seus herdeiros. Porém, mais a frente será possível perceber que a personagem não era essa mulher tão frágil como ele descreve.

Vale destacar também a preocupação que Maurice tem em confirmar para a mãe que Nicota não era “escura”. A cor da pele da personagem é algo que não pode ser confirmado pois em alguns momentos supõe-se que seja branca pela sua condição social. Porém, em outros trechos da narrativa, em que a mesma fala sobre sua aparência, dá-se a entender que ela tenha a pele morena, fica aqui a incerteza pois a autora não deixa isso evidente. Talvez Del Priore tenha a intenção de mostrar o quão difícil é definir quem é negro no Brasil, por ser um país onde a população é mestiça. E mostrar também, qual o olhar do estrangeiro sobre os brasileiros, e neste caso, o olhar de Maurice sobre Nicota, e da própria sobre ela mesma.

Dando continuidade sobre o que Maurice esperava do casamento e de sua noiva, pode-se identificar a representação do papel esperado da mulher dentro do matrimônio.

Quanto à minha noiva, não tenho dúvidas de que me obedecerá e respeitará, ilimitadamente. Ela já toca piano, fala francês e me tem amizade. Há de me oferecer gentileza e afeto, pois serei o soberano do lar. Seu amor por mim será uma tarefa doméstica. Desempenhará, portanto, essas tarefas, sem maiores problemas. (DEL PRIORE, 2015, p. 58)

Mais uma vez Maurice se refere a Nicota como inferior, que deverá se submeter e respeitá-lo pois ele será o soberano do lar. Ou seja, espera-se da mulher a submissão, o respeito, a gentileza, afeto e o amor. Pode-se perceber, que mesmo casando-se por interesse e não demonstrando nenhum sentimento pela jovem, Maurice esperava ser amado por sua noiva. O amor esperado se referia ao amor conjugal, que deveria ser casto, num misto de dependência e sujeição da mulher. Esse amor esperado pelo homem no casamento é tema discutido em *Ao sul do corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colonial* (2009), pela própria Mary Del Priore, que a mesma utiliza como fonte secundária no romance. Ao realizar

⁶ A autora Ana Cláudia Pacheco em sua tese “*Branca para casar, mulata para f... e negra para trabalhar*”; *escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador, Bahia*, realiza discussões sobre a ideia de que a mulher branca pertencia a “cultura do afetivo” e do casamento, enquanto a mulher negra e mestiça estariam fora do “mercado afetivo” e naturalizada no “mercado do sexo” (PACHECO, 2008). Essa questão será melhor analisada no tópico seguinte *Mulheres negras e afeto*.

a análise das fontes utilizadas pela autora, é possível perceber os cruzamentos que a mesma vai traçando no decorrer da narrativa, que deixa evidente as escolhas e caminhos tecidos por ela para os personagens.

Mary Del Priore em *História do amor no Brasil* (2012), afirma que o casamento preparado e refletido era tudo menos paixão e sentimento, e que documentos desse período atestam a ausência de amor como origem dos casamentos. Ainda sobre essa questão, a autora fala sobre o que se esperava do homem e da mulher no casamento.

O homem nascera para mandar, conquistar, realizar. O despotismo, antes privilégio de monarcas passa a ser do marido, dentro de casa. A mulher, por sua vez, nascera para agradar, ser mãe e desenvolver certo pudor natural. O discurso amoroso que circulava no romantismo francês, era recheado de metáforas religiosas: a amada era um ser celestial. A jovem casadoira, um anjo de pureza e virgindade. O amor, uma experiência mística. Liam-se muitos livros sobre sofrimento redentor sobre estar perdidamente apaixonado, sobre corações sangrando. Mas falar sobre tais assuntos era tão escandaloso que as palavras eram substituídas por silêncios, toques, troca de olhares e muita bochecha vermelha. (DEL PRIORE, 2012, p. 122)

Na citação acima, a historiadora apresenta a mentalidade de uma época, na qual o homem tinha o papel de patriarca e a mulher deveria ser submissa, cuidar dos afazeres da casa, ter filhos e educa-los, pois ser mãe era algo pré-determinado pela natureza feminina. O amor romântico, como se pode perceber, não estava associado ao casamento, mas sim a um desejo que partia das mulheres por serem influenciadas durante as leituras de romances. Portanto, as relações matrimoniais, entre a burguesia, eram baseadas principalmente em interesses sociais e políticos. Assim, podemos afirmar que, não por acaso, a autora representa o casamento entre Maurice e Nicota como uma forma de ascensão e manutenção do status social. Relação esta que Del Priore depreende das fontes documentais e bibliográficas utilizadas para a construção do romance.

Mas será que, para a personagem Nicota, o casamento era visto da mesma maneira que Maurice? Como já visto, a personagem almejava encontrar no casamento o amor romântico como nos romances que lia. Com o casamento arranjado pelo tio, a mãe da moça passa a preparar o enxoval e a instruí-la sobre o casamento e sobre como a mulher deve se comportar e agir com o seu cônjuge.

Exemplo 1

Mamãe e ela me fizeram sentar no jardim. Severas, gaguejaram sobre a importância do estado de casada. Segundo ambas, o homem e a mulher se constituem em metades de um todo que procuram se completar a fim de não se tornarem absolutamente inúteis. Existe o amor físico – mero estímulo interno, diz uma. E o amor-amizade, regulado pelas afeições, em que, posteriormente, o primeiro consiste no prazer. Mas o prazer, uma vez conseguido, morre.
(...) Devo me casar, não para satisfazer o apetite da natureza, mas, para ter um amigo e protetor, explicou mamãe. A mulher, ser menor e frágil, só existe amparada pelo

homem, cravou Madame Mercier. E arrematou: o casamento deve ser baseado na estima. Nada de alegrias inefáveis ou de ilusões juvenis. É um ato simples e grave.

(...)

Sobre a infidelidade do marido, ambas concordam que o homem, por sua vida mais livre e por sua educação, é mais facilmente tentado a cometer infidelidades conjugais, sem que por isso grande nódoa o emporcalhe. O mundo olha com indulgência a traição cometida pelo homem, mas não desculpa de maneira alguma a da mulher.

Em voz baixa, mamãe recomendou que, no quarto e no leito, houvesse pudor e castidade. Porque a mulher que se abandona a todos os caprichos e fantasias se faz desprezível não só aos olhos de sua própria consciência, mas também de seu marido – se ele não for libertino e debochado. (DEL PRIORE, 2015, p. 60 - 61)

No exemplo acima, a mãe de Nicota e Madame Mercier falam sobre o amor no casamento que deveria ser como aquele esperado por Maurice – discutido anteriormente – o amor conjugal. Aquele que deve ser casto, no qual a mulher deve ter o sentimento de estima, devoção e piedade ao marido, em um misto de sujeição e dependência.

De acordo com Maria Ângela D’Incao (2017) era dever da mulher de elite, esposa e mãe de família “adotar regras castas no encontro sexual com o marido e vigiar a castidade das filhas” (D’INCAO, 2017, p. 230). Sabe-se que Mary Del Priore enquanto organizadora do livro *História das mulheres no Brasil* teve acesso ao trabalho da autora, pelo mesmo estar presente na coletânea. Portanto, a romancista não escreve tais instruções dadas pelas personagens à Nicota por acaso. Ao fazê-lo, ela expõe uma mentalidade que ainda predominava no século XIX, sendo assim uma maneira de aproximar o leitor de um período ao qual a autora está representado através de sua narrativa. Além disso, Del Priore em *Ao Sul do corpo: Condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia* (2009) também discute sobre esse adestramento dos afetos, onde apenas o homem poderia ser ativo e a mulher deveria seguir passiva, dando continuidade à obediência e a sujeição a qual era obrigada na vida doméstica. Afirma ainda que o amor conjugal e o adestramento feminino “espelhavam ações no sentido de impor uma divisão sexual de papéis” (DEL PRIORE, 2009, p. 120).

Tendo em vista a maneira como a escritora descreve a maneira como a mulher deveria se comportar no casamento e levando em consideração as discussões feitas pela mesma enquanto historiadora, podemos perceber desde já, qual o possível conceito de gênero que Del Priore utiliza ao escrever a narrativa e representar as relações entre homens e mulheres através de seus personagens. Até aqui, pode-se supor que ela se aproxima do conceito de gênero a partir da categoria de análise de J. W. Scott, que Louise A. Tilly (1990) discute trazendo a seguinte citação, “gênero é tanto um elemento constitutivo das relações sociais, fundado sobre as diferenças percebidas entre os sexos, quanto uma maneira primária de significar relações de poder.” (TILLY, 1990, p. 48).

É possível chegar a essa suposição, ao perceber que no decorrer da narrativa o personagem Maurice apresenta sempre um pensamento e um comportamento patriarcal, enquanto Nicota é instruída a ser submissa ao seu marido. Quando no decorrer da narrativa é possível perceber que a personagem não alcança o papel ideal de mãe e que, para além disso, ultrapassa em vários momentos o papel esperado de apenas dona de casa, exercendo a função de administrar a fazenda e a economia do café para conseguir a renda da família e manter o status social, enquanto Maurice se fazia ausente. Com isso, Mary Del Priore mostra, que apesar de ter sido educada para ser uma boa esposa e mãe, Nicota é levada, pelas constantes ausências de seu cônjuge, a assumir outro papel que, dentro dos padrões da época era destinado ao homem. Dessa forma, a autora representa, a partir de sua personagem, a existência de mulheres que romperam com os papéis que lhe foram impostos. Essas questões ficarão mais visíveis no decorrer da análise, sendo possível perceber como a autora representa essas relações de gênero como uma relação que é socialmente construída e que revela as relações de poder.

Dando continuidade à análise da personagem Nicota, utilizando ainda o exemplo 1, é importante discutir sobre a infidelidade do marido no casamento, que pelo que foi apresentado na citação, foi instruída a aceitar e a concordar com a infidelidade do marido, como se o desejo sexual do homem fosse algo incontrolável e como se o ato do adultério fizesse parte da educação que era dada. E chama ainda a atenção para o fato de que, mesmo adulterando, a honra e a moral do homem não era atingida socialmente. Mas, se o ato do adultério fosse cometido pela mulher, a mesma perderia sua honra e nunca seria perdoada pela sociedade. No caso de Nicota, na narrativa, sua honra parece ser inabalável, pois em nenhum momento ela percebe a paixão e admiração que o jornalista – personagem que conta sobre os acontecimentos sobre o vale do Paraíba – tem por ela, mostrando sua fidelidade e amor por Maurice, não tendo olhos para nenhum outro homem. Ou seja, ela corresponde ao ideal de mulher construído pela sociedade branca e elitista dos oitocentos, tal como representado no romance.

O adultério é também um fator que é crucial no desenrolar da narrativa, pois como poderá ser melhor compreendido no decorrer da análise, Maurice comete o adultério com Regina Angelorum, ex-escrava criada e educada por sua esposa Nicota. Essa relação amorosa entre Maurice e Regina será melhor discutida no tópico *Mulheres Negras e afeto*. Por enquanto é importante ressaltar, que como foi dito nas orientações feitas à Nicota sobre o casamento, a fidelidade feminina era a única exigida no matrimônio. Del Priore (2012) enquanto historiadora também pesquisa sobre o adultério e inclusive sobre essa cobrança da fidelidade conjugal feminina.

Embora não haja estatísticas sobre o assunto, é de se supor que as relações extraconjugais fossem correntes depois do casamento. O adultério perpetuava-se como sobrevivência de doutrinas morais tradicionais. Fazia-se amor com a esposa quando se queria descendência; o restante do tempo, era com a outra. A fidelidade conjugal era sempre tarefa feminina; a falta de fidelidade masculina era vista como um mal inevitável que se havia de suportar. É sobre a honra e a fidelidade da esposa que repousava a perenidade do casal. (DEL PRIORE, 2012, p.187)

A partir da citação acima retirada da obra *História do amor no Brasil*, é possível perceber que Del Priore escreve sobre um período em que ela já realizou pesquisas e produziu vários trabalhos, incluindo temas sobre amor, intimidade, corpo feminino, maternidade, entre outros. Dessa forma, pode-se supor que a autora cria sua narrativa literária a partir não só das fontes às quais ela apresenta no final do romance, mas também faz uso de conhecimentos já adquiridos por ela no decorrer de seu trabalho como historiadora e pesquisadora. Porém, no romance, as relações sexuais entre os cônjuges Maurice e Nicota, de início, tinham a intenção de ter filhos, porém Nicota descobre-se infértil e a partir daí a personagem passa a sofrer por não poder conceber a missão dada por Deus, como a mesma conta durante a narrativa:

Há quem diga que, quando os esposos se conhecem, não se amam mais. Vivem como estranhos no mesmo quarto. Porque jamais se ligam um ao outro, se tornam inertes como pedras encostadas uma à outra.

Conosco não foi assim. Nossas refeições são comunhão. Conversamos sobre nossos planos: a fazenda, os negócios do café, a família. Ajudo com minha experiência no cafezal. Quando estou curvada sobre o bordado e ele me chama, respondo com doçura. Mesmo quando está entretido, lendo, Maurice sente meus passos ou a ondulação de meu corpo. Até nosso silêncio tem um ar íntimo e carinhoso. Só lamento não ter que colocar o dedo nos lábios, pedindo calma às crianças. Elas não vêm.

Não vêm porque sangro todos os meses. Minha ferida se renova. Sinto-me fraca, lânguida e doente. Maurice conhece as datas, os segredos, ele é o único senhor dessa história e o único capaz de mudar seu curso. Meu corpo chora os filhos que não faço. A maternidade conjuraria qualquer malefício e asseguraria a meu esposo o domínio do mundo. Afinal só ele é ciência, Lei, conhecimento. Sou apenas natureza, condenada a escorrer lágrimas, águas, suor e sangue. Ademais, dizem que o diabo se insinua na alma pelos pontos fracos do organismo que sangra. Tristeza e desânimo são suas armadilhas. Santa Teresinha confirma: o banho de melancolia é uma de suas terríveis artimanhas.

(...)

A verdade é que, por não conceber, não sacio meu apetite pela missão que Deus deu: propagar a espécie. Olho os ícones longamente: nunca serei como a Virgem Maria, a Mãe pura. Quando as pessoas se casam, espera-se delas que gostem de ser acariciadas. Mas é preciso que os dois tenham vontade. Eu gosto e tenho vontade. É ridículo ter para essas coisas horas fixas, como se acende ou se apaga um lampião. Eu tenho vontade de acendê-lo, não de apagá-lo. Há coisas que chamamos de deveres de uma esposa, não? (DEL PRIORE, 2015, p. 90-91)

A citação acima apresenta alguns pontos que precisam ser destacados e discutidos. O primeiro diz respeito à visão sobre o casamento a partir da perspectiva de Nicota. A mesma acredita que apesar do que as pessoas dizem sobre a falta de afeto nos matrimônios, em seu casamento com Maurice havia ali uma relação íntima e amorosa, e que seu único lamento seria o de não conseguir conceber filhos. Durante a maior parte da narrativa, a personagem expressa

todo seu amor, afeto e devoção por Maurice, porém é possível notar que todas as demonstrações feitas por ela não são correspondidas. Como já visto anteriormente, Maurice vem ao Brasil para conseguir manter seu status social e crescer economicamente, vendo no casamento a possibilidade de conseguir atingir seus interesses. Além disso, sendo estrangeiro, tinha sempre que fazer viagens para servir no exército durante a guerra na Rússia, e também para visitar sua família em Paris. Por estar sempre viajando, a sua comunicação com a esposa era feita através das cartas, porém, o mesmo só as mandava para se informar sobre a economia, as fazendas, o café e sobre o problema que começava a aparecer para os fazendeiros com os processos que levariam ao fim do trabalho escravo. Enquanto Nicota estava a todo tempo lhe enviando cartas, contando sobre seus sentimentos, suas saudades, desejos, fazendo declarações, e também mandando as informações sobre a situação política e econômica do Brasil e sobre a situação das fazendas de café.

Tendo isso em vista e indo além do que foi aqui descrito, no decorrer da narrativa é possível perceber que, apesar de Nicota estar sempre tentando realizar o papel que se esperava de uma mulher branca burguesa no século XIX, o de administrar a casa, bordar, tocar piano, comparecer em bailes, cuidar do marido, entre outros requisitos. Ela não consegue sentir-se feliz, primeiro por não poder ter filhos – que a mesma considerava uma missão dada às mulheres por Deus, a de propagar a espécie –, e em seguida por passar a perceber que seu amor por Maurice não era correspondido.

Como foi possível perceber na citação, Nicota fala sobre a maternidade como algo que dizia-se ser a obrigação da mulher, ela carrega em suas falas a mentalidade de uma época à qual Del Priore, como foi visto, pesquisa e tem conhecimento. Como visto, a partir do momento em que ela passa a ter consciência de sua esterilidade, ela comenta sobre o que as pessoas diziam sobre o perigo carregado no corpo da mulher, pois o diabo se aproveitava das fraquezas das mulheres para lhes causar a melancolia. De acordo com Del Priore em seu livro *Ao sul do corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil colonial* (2009), as mulheres que não concebiam se tornavam doentes de paixões e melancolia. Diz ainda que a melancolia era considerada por alguns tratadistas da época – nesse caso ela se refere ao período colonial –, como uma alucinação sem febre, acompanhada de tristeza (DEL PRIORE, 2009).

Enfermidade feminina por excelência, a melancolia diabolizava o corpo da mulher infecunda, invertendo o significado do altar sagrado da procriação. Mal físico e moral, fruto de paixões da alma ou do mau uso do corpo, obrigava então a medicina a buscar explicações e antídotos com os quais se pudesse combatê-la. (DEL PRIORE, 2009, p. 163)

A partir da citação retirada de *Ao Sul do Corpo*, obra em que como já foi dito aqui, a autora utiliza como fonte para a escrita do romance, podemos afirmar que, nos momentos em que ela escreve sobre a personagem Nicota e a maneira como a mesma lida com a situação e associa a melancolia a diabolização do corpo da mulher, é possível afirmar que Del Priore inspira-se em sua obra enquanto historiadora. A partir daí, pode-se mais uma vez notar que a romancista, durante toda a narrativa faz essa junção entre as fontes utilizadas, inclusive trabalhos de sua autoria, para a criação do enredo e dos personagens.

Ainda sobre como a autora representa as relações de gênero a partir de seus personagens, apesar de Nicota a todo momento carregar consigo um discurso sobre o papel da mulher naquele período, durante vários momentos ela exerce funções que vão além das instruções dadas por sua mãe e do esperado por Maurice, superando inclusive a ideia de fragilidade que é dada a ela pelo marido e por seu estado de melancolia. Em primeiro lugar, ela já não exerce o papel que era considerado como natural da mulher, o de ser mãe. Em segundo, com as várias ausências e faltas de Maurice – que também não cumpre o papel esperado de homem no matrimônio, o de fazê-la feliz e o de administrar os negócios da fazenda, algo que o mesmo se compromete durante a narrativa –, Nicota demonstra ter experiência no cafezal, e utiliza dessa experiência para administrar as fazendas de café. A personagem criada por Del Priore, ganha uma dimensão que a coloca como uma mulher que ultrapassa o papel para o qual foi destinada, uma vez que é levada a assumir outras funções, além daquelas para as quais foi educada. Nas cartas em que Nicota enviava a Maurice, ela demonstrava ter conhecimento sobre economia e política, informando preços do café e também sobre as questões políticas e os conflitos entre senhores e escravos que aconteciam com o processo de luta pelo fim da escravidão, e já próximo ao final, ainda mandava cartas contando sobre a situação das fazendas de café após a abolição da escravidão. Este último tema também é explorado no romance porém, não é possível aprofundá-lo num trabalho desse porte.⁷

Enfim, pode-se perceber que ao mesmo tempo em que Del Priore a partir do personagem Maurice apresenta características do patriarcalismo, a forma como ele olha para Nicota com a ideia de fragilidade, submissão, devoção, vocação para maternidade, enfim, todas as características que esperava-se das mulheres; ela consegue nas entrelinhas da narrativa mostrar que para além de todo esse papel de esposa, mãe-pura e frágil, algumas mulheres também trabalhavam para além da administração da casa, administravam as fazendas na falta dos

⁷ Nos momentos em que Nicota descreve sobre os conflitos entre senhores e escravos e, principalmente sobre a situação pós-abolição, é possível perceber que a autora utiliza a obra *O jogo da dissimulação* (2009) de Wlamyra R. de Albuquerque, que está presente como fonte utilizada na escrita do romance.

maridos, tinham conhecimentos que iam além dos assuntos de moda, como por exemplo, sobre política e economia. Dessa forma, suponho, que a autora representa as relações de gênero a partir de seus personagens, como uma relação de poder, na qual diferentes papéis são atribuídos à homens e mulheres pela sociedade, conceito que, conforme dito anteriormente, fundamenta-se nas discussões de Louise A. Tilly (1990) a partir das ideias apresentadas por J. W. Scott.

2.2 MULHERES NEGRAS E AFETO

Como visto anteriormente, o romance *Beije-me onde o sol não alcança* tem em seu enredo a história de um triângulo amoroso, que envolve os três principais personagens Nicota Breves, Maurice Haritoff e Regina Angelorum. Neste tópico analisarei como a autora a partir principalmente da personagem Regina e também da personagem Maria Gata, representa o papel das mulheres negras no final do século XIX. Além de analisar também, como a autora representa as relações de gênero a partir das relações de afeto entre Maurice e Regina, que ultrapassa as relações de prazer.

A personagem Regina Angelorum aparece na narrativa ainda criança, quando Maria Gata – negra, curandeira responsável por fazer remédios para a botica dos escravos nas Fazendas do Pinheiro e em Bela Aliança -, pede à Nicota para cuidar da menina. Na narrativa, Regina, neta de africanos, havia perdido a mãe, restando apenas o seu pai, agricultor que executava trabalhos para a fazenda, tinha se entregado ao álcool. Por caridade Maria Gata pede para que guardem a menina. Nessa situação Nicota, via a menina com maus olhos, mas considerou a ideia de educa-la para que futuramente a mesma ocupasse o lugar de Maria Gata na botica dos escravos. A partir das descrições feitas sobre Regina, pode-se identificar que ela era neta de africanos, tinha cabelos lisos de índio, sinal de que era mestiça, descendente de africanos e indígenas. É importante ressaltar também que a mesma não era escrava da casa, e por seu pai ser um agricultor, pode-se supor que a mesma pode ter sido liberta através do casamento de seus pais, mas essa é uma questão que será melhor afirmada mais à frente.

No decorrer da narrativa, o jornalista, negro livre, que inclusive tem uma paixão por Nicota, na história ele tem um papel interessante de informar através do jornal *O Pirai* os acontecimentos políticos, econômicos e sociais do Vale do Paraíba. Dentre os momentos em que o personagem aparece, um deles é para falar sobre Regina, ao qual ele diz que no vale não se falava em outra coisa “Regina Angelorum disse NÃO!” (DEL PRIORE, 2015, p. 186). Antes mesmo de analisar sobre o caso ao qual o jornalista se refere, é importante destacar que é possível que Mary Del Priore tenha feito o uso da obra de Sandra Lauderdale Graham (2005),

Caetana diz não: Histórias de mulheres da sociedade escravista brasileira, a qual ela utiliza como fonte secundária para a construção do romance. Inicialmente, a forma como o jornalista aborda o caso em questão, já dá uma pista para a fonte que a autora usa como inspiração para sua personagem.

Mas a história é a seguinte. É sabido que na Bela Aliança e no Pinheiro os feitores casam todos os escravos. Ninguém quer ser bom. Apenas manter a paz nas senzalas. Cria da casa desde miúda, a negrinha Regina Angelorum vivia na barra da saia de tia Maria Gata. Dizem que hoje parece gente branca. Fala como eles, lê, escreve, e ainda ajuda na farmácia dos cativos, preparando remédios.

O feitor deu-lhe ordem para casar. Com a proibição de compra de escravo novo, a senzala tinha cerca de dois homens solteiros para cada mulher. Pouco lhe importou a menina dizer que não era cativa. No entender do feitor, ela veste, come e trabalha como tal, além de dividir a cela com tia Maria Gata.

(...)

Que Regina Angelorum tivesse filhos, aumentando o plantel do conde, como era de praxe. Era aceitar um marido ou ser jogada na estrada.

Casamentos entre livres e escravos eram comuns. Um número maior de cativas era escolhido por lavradores que compravam, mais tarde, suas alforrias. O excedente de homens nos cafezais aumentava a chance das mulheres, até mesmo das escravas. Foi assim com a mãe de Regina Angelorum.

E Custódio era um bom candidato ao matrimônio. Amigo do feitor, além de jovem e forte, tinha qualificações, pois era o ferreiro-chefe. Casado, poderia ter acesso à terra e cultivar sua própria roça, licença que só era dada aos casais. Cultivando roça, poderia vender seus produtos na cidade e ganhar seu próprio dinheiro. E dinheiro era o caminho mais rápido para a compra da liberdade.

(...)

Mas a noiva estava inflexível. Nem o temor de graves castigos a fez recuar. Correu na vila que Custódio foi procurar o futuro sogro, que o recebeu alcoolizado e prometeu uma boa surra na menina. Nada! Algo parecia encorajá-la.

Mesmo contrariada, compareceu à igreja, escutou as palavras do padre, mas, durante três noites, não permitiu que o marido a tocasse. Estavam casados perante a Igreja, mas não na vida. Pois a menina se recusava a consumir o casamento. Isso não podia continuar – ameaçavam juntos o futuro marido e o feitor. Advertiram com violências, açoites, torturas. Então Regina Angelorum foi chorar aos pés da sinhá, implorando ajuda. Queria viver solteira, continuar estudando as sabenças de tia Maria Gata. Não queria se unir a um escravo, homem de pele mais escura do que a dela.

Nicota mandou chamar o tio padre, vigário da matriz de Pirai. Pediu-lhe que anulasse o casamento, o que foi feito mediante grossa gratificação para a pintura da fachada. E tudo não passou de mais uma história para alimentar a falta de assunto da cidade. (DEL PRIORE, 2015, p. 186 – 188)

Para falar sobre a recusa que a mesma fez ao casamento com um escravo da fazenda, ele contextualiza falando sobre como se dava as relações de matrimônio entre escravos de uma mesmo dono e também entre escravos e livres. De acordo com o personagem, essa era uma forma de conseguir manter a ordem nas fazendas. Além disso, fala ainda sobre as formas de conseguir a liberdade através do casamento com pessoas livres, que como foi visto, foi a maneira como a mãe de Regina conseguiu sua liberdade, casando-se com um agricultor livre – aspecto que confirma a suposição feita anteriormente com relação a liberdade de Regina. Essa questão sobre o casamento de escravos é algo que Graham (2005) discute na obra *Caetana diz*

não: Histórias de mulheres da sociedade escravista brasileira ao analisar o caso de Caetana, que como vimos é uma das fontes utilizadas por Mary Del Priore no romance.

De acordo com Graham (2005), os casamentos entre escravos não era algo comum, geralmente o matrimônio lhes era negado, mesmo as Constituições primeiras assegurando ao senhor que um escravo casado continuava cativo, mesmo que com pessoa livre ou liberta. Porém, a autora constatou em suas pesquisas, que surpreendentemente, na região do Vale da Paraíba, onde o caso de Caetana aconteceu, os senhores aceitavam com frequência o desejo de casar de seus escravos (GRAHAM, 2005).

A questão não é mais por que tão poucos casamentos entre escravos, mas por que tantos? É possível dizer que os senhores se beneficiariam das rédeas mais curtas sobre os homens casados que, com uma preciosa família para proteger, ficariam menos inclinados a fugir ou se rebelar e mais propensos à segurança do serviço obediente. Que com certeza, fugiam menos mulheres do que homens das fazendas. Mães que se recusavam a deixar os filhos para trás não podiam se mover em terreno difícil ou esconder-se com facilidade levando crianças pequenas, barulhentas e dependentes. (GRAHAM, 2005, p. 54-55)

A partir das análises feitas por Graham sobre o casamento entre escravos, pode-se identificar que a contextualização feita pelo jornalista em meio ao episódio de Regina, é algo que a autora escreveu inspirada em suas fontes. Durante a análise da narrativa e das fontes utilizadas pela autora no romance, é possível constatar a intertextualidade⁸ entre a Literatura e a História, uma vez que por meio de Regina, Del Priore ficcionaliza a história de Caetana, ora aproximando-as, ora diferenciando-as.

Ainda analisando a citação anterior retirada do romance, além das questões relacionadas ao casamento entre os escravos e entre escravos e livres ou libertos, é possível perceber que o personagem toca em outros temas que também são estudados pela História, a exemplo da proibição do tráfico de escravos, que faz parte do momento pré-abolição no Brasil, temáticas que aparecem entre algumas das fontes em que a autora também utiliza no romance. Porém, tais aspectos não serão aprofundados neste trabalho, por não fazer parte do objetivo de análise proposto.

Como visto anteriormente na citação que conta o caso de Regina, nota-se que a personagem recusa o casamento que lhe foi imposto. Ela, mesmo não sendo escrava da casa, mas por viver entre os escravos e ter sido criada por Nicota, se encontrou numa situação em que queriam lhe obrigar a casar-se com um escravo da fazenda. Porém a mesma recusava tal imposição, mesmo sendo ameaçada e violentada, ela manteve-se firme. Mesmo lutando contra

⁸ O autor Antoine Compagnon (2001), afirma a partir dos trabalhos de Mikhail Bakhtine, – o qual diz que “todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de outro texto” (COMPAGON, 2001, p 111) –, que a intertextualidade designa, o diálogo entre os textos, no sentido amplo, e está calcada no que Bakhtin chama de dialogismo, que significa, uma interação social dos discursos.

isso, se fez presente no dia da cerimônia, mas continuou a dizer “NÃO!”, e durante três dias ela não se deitou com seu cônjuge, não consumando o casamento. Até que conseguiu a anulação do casamento através de Nicota, que concedeu o seu pedido e desejo de permanecer solteira para continuar a aprender as sabenças de Maria Gata.

O caso de Regina que aparece no romance, assemelha-se em diversos aspectos com o caso de Caetana analisado por Graham (2005) e que Del Priore, como foi visto, utiliza como fonte secundária no romance. De acordo com Sandra Graham (2005) em 1835, no vale do Paraíba, Caetana – com talvez 17 anos – jovem escrava, mucama das mulheres da família na casa-grande e que vivia entre seus parentes de sangue, mãe, irmã, tio e também com o marido de sua irmã que era um mulato livre, resiste ao casamento ordenado pelo seu senhor. Diferentemente da personagem Regina, Caetana era escrava e foi obrigada a casar-se com Custódio, o qual a autora se refere como sendo companheiro de escravidão da mesma, por pertencerem ao mesmo senhor. A luta de Caetana contra o casamento de acordo com a autora se deu em duas fases, na primeira ela luta contra as ordens de seu senhor não consentindo com o casamento, mesmo sendo ameaçada por seu tio e por seu senhor, ela continuou a resistir. Porém, ela acabou casando-se, mesmo contra sua vontade, por estar na situação de escrava. A segunda fase de resistência de Caetana se deu após o casamento, transferindo sua luta para o seu marido e sua família. “Durante três noites ‘não consentiu que Custódio a tocasse’ ou ‘se fosse meter na cama’, apesar da insistência dele.” (GRAHAM, 2005, p. 85).

Granham chama atenção para o fato de que Caetana, ao recusar o casamento e mesmo após ter sido obrigada, ter modificado suas formas de resistências, perturbou a ordenação do patriarcado num lar quase ideal, pois ela luta contra as ordens não só do seu senhor, fazendo-o voltar atrás em suas ordens para interceder a favor dela, como também de seu tio e de seu marido, tirando-os de seu papel patriarcal dentro da família escrava. Após resistir as três noites, ela foge para a casa-grande para pedir ao seu senhor que desfizesse o que ele havia provocado, anulando o casamento. Após a insistência e resistência de Caetana, o seu senhor entra com um processo para pedir a anulação do casamento, servindo-se como testemunha de que a mesma não havia rejeitado seu marido por capricho, mas sim por uma convicção contra o casamento (GRAHAM, 2005). De acordo com autora, para Caetana, liberdade era poder viver uma vida de solteira. Diferentemente, do que aconteceu com a personagem Regina, a anulação do casamento foi negada à Caetana, fazendo com que ela lutasse durante anos para conseguir cancelamento do casamento de fato.

A partir do caso de Caetana estudado por Sandra Graham (2005) em sua obra, podemos perceber a intertextualidade feita por Mary Del Priore no romance. Como já dito anteriormente,

ela utiliza a obra *Caetana diz não: Histórias de mulheres da sociedade escravista brasileira* como uma de suas fontes. Tendo isso em vista, é possível identificar aproximações e distanciamentos entre o caso da personagem Regina no romance e o caso de Caetana analisado por Graham em sua pesquisa histórica. Supõe-se que Mary Del Priore inspira-se na história de Caetana para construir a história de Regina no romance, apresentando várias características que se aproximam em detalhes, como a resistência contra o casamento, as três noites que se nega ao marido e no desejo de continuar solteira. Porém, a personagem Regina carrega em sua história aspectos outros, que fazem com que as histórias, de Caetana e de Regina não sejam completamente iguais.

Como pôde ser percebido, Mary Del Priore, constrói o início da história de Regina inspirada no caso de Caetana. Apesar da mesma se negar ao casamento pelo desejo de continuar solteira para continuar adquirindo novos conhecimentos, no decorrer da narrativa isso muda. Após sua resistência, ela se envolve com Maurice Haritoff quando o mesmo ainda era casado com Nicota, e passa a ter uma relação não só de prazer, mas de afeto, chegando ao um ponto da narrativa em que decide constituir uma família.

Como já visto no tópico anterior, a fidelidade não era algo que era cobrado aos homens no casamento. O próprio personagem Maurice em meio a narrativa, em uma de suas anotações em seu diário, fala sobre Nicota não poder lhe conceder filhos, e por isso não caberia a ela inspecionar sua fidelidade. Para ele, estar longe do domicílio conjugal dava-lhe o “direito a travessuras” (DEL PRIORE, 2015, p. 195). A partir disso, já se pode constatar que a fidelidade de Maurice a Nicota era algo questionável, o mesmo se fazia sempre distante com suas viagens para Paris.

A relação entre o conde e Regina acontece inicialmente a partir do desejo sexual que o mesmo tem por ela, quando já demonstrava um sentimento de desprezo por sua esposa.

Treze, catorze anos, o que sei? Ela vinha fresca do banho, os cabelos molhados. Toquei-lhe o ombro nu e meus dedos pressionaram sua carne levemente. Ela nem abaixou os olhos. Tem olhos enormes e assustados. ‘Olhos de bezerro’, definiu *Nicotáh* certa vez. Mas seu olhar é direto e esperto. Não é impudico, apenas leal e franco. Não mostrou qualquer embaraço. Não houve alteração no seu rosto. Ela não ficou ofendida, olhava para o lado. Depois, levantou os panos da saia e mostrou-me seu pequeno tesouro. Um tufo denso, cerrado e escuro. Deixou cair a roupa e seguiu quieta pelo corredor, como se pisasse primeiro com a ponta dos pés. O cheiro de entre as pernas, do pescoço e dos cabelos ficou comigo.

(...)

Descobri que a pele pode ser um continente, uma terra perfumada. Talvez a de Regina Angelorum seja a África. País estrangeiro, ela também é um abismo onde se vai buscar prazer ou dor. É doçura e combate. Lugar de todos os castigos, marcas, cicatrizes. Com a língua irei percorrer todos os seus acidentes. Cetim, veludo, seda. Quero devorá-la enquanto está quente. Enquanto é pele de fruta verde. Pele de criança. A boca, ameixa escura. Sua impotência, eu prefiro chamar de ternura. Sua fragilidade, de sedução. Sua condição de quase escrava e sua pele cor de noite me permitem

possuí-la. Sou o senhor, mas é seu cheiro e sua pele que me aprisionam. Depois de respirar seu odor acre e penetrante, qualquer outro me parecerá insípido. (DEL PRIORE, 2015, 210-211)

A citação a cima, refere-se ao primeiro contato entre os dois personagens. Como pode ser observado, Maurice olha para Regina a partir de sua condição de mulher negra liberta que ele entende como sendo “quase” escrava, e que por isso, e também por sua condição de senhor, seria permitido que ele a possuísse. Além de observá-la a partir de sua condição, ele mantém seu papel no patriarcado, vendo-a como frágil e submissa à suas vontades, mas ao mesmo tempo, destacando a sexualidade e a sensualidade de seu corpo, que mesmo sendo um corpo de menina, já despertava o desejo e o prazer de Maurice. Ao contrário do que é percebido quando o mesmo se refere a Nicota, vendo-a sempre como pura, honrada, piedosa, dedicada, sem desejos e assexuada, pois a mesma deveria manter a sua honra e sua moralidade, pois a reputação da mulher branca era de suma importância para manter os jogos de poder entre as famílias a partir do casamento (DEL PRIORE, 2012).

A diferença entre as formas o personagem Maurice olha para Nicota e para Regina, mostra como a autora a partir desse personagem representa os diferentes papéis que eram esperados das mulheres brancas e das mulheres negras escravas e libertas. Enquanto da mulher branca se esperava que fosse uma boa esposa, boa mãe, tivesse boa educação e boa moral e honra; da mulher negra escrava e liberta, além dos diferentes trabalhos que eram exercidos nas fazendas e na casa-grande, esperava-se também o prazer. Essa é uma questão que é discutida por Ana Cláudia Lemos Pacheco (2008) e por Adriana Dantas Reis Alves (2010). Apesar das duas autoras partirem de objetos, tempos, fontes, problemas e objetivos diferentes, as duas tocam na questão das relações afetivas de mulheres negras.

O trabalho de Ana Cláudia Lemos Pacheco (2008) discute os aspectos relacionados com as escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras na cidade de Salvador (Ba) na década de 80, a partir dos critérios de raça e gênero. Em meio as discussões feitas por ela, interessa aqui falar sobre os estereótipos relacionados à sexualidade que foram atribuídos às mulheres negras, e que de acordo com a autora, eram reguladores das escolhas afetivas dessas mulheres.

(...) há uma representação social baseada na raça e no gênero a qual regula as escolhas afetivas das mulheres negras. A mulher negra e mestiça estariam fora do ‘mercado afetivo’ e naturalizada no ‘mercado do sexo’, da erotização, do trabalho doméstico, feminilizado e ‘escravizado’; em contraposição, as mulheres brancas seriam, nessas elaborações, pertencentes ‘à cultura do afetivo’, do casamento, da união estável. (PACHECO, 2008, p. 13)

Essa erotização do corpo da mulher negra, como apontado por Pacheco (2008), é algo que aparece também no trabalho de Adriana Alves (2010) e em outras pesquisas de autores

como Robert W. Slenes (1999) e inclusive da própria Mary Del Priore (2012). Entretanto, embora a solidão e a erotização da mulher negra tenha sido uma construção histórica, como destaca Pacheco (2008), é possível perceber, a partir das pesquisas de Alves (2010), que, além desses atributos sexuais, as mulheres negras também eram qualificadas por sua beleza, que suscitava desejos e relações duradouras. Afirma ainda que, ao longo da história, as mulheres de “cor” escravas, libertas e livres constituíram tanto relações ilegítimas como também casaram-se com homens brancos e bem sucedidos (ALVES, 2010).

Apesar de Mary Del Priore não utilizá-las como fonte no romance, é de suma importância compreender que a mesma enquanto historiadora apresenta um pouco dessa discussão em sua obra *História do amor no Brasil* (2012), além de ser também discutido brevemente em alguns dos ensaios presentes no livro organizado por ela, *História das Mulheres no Brasil* (2017). Por este motivo, supõe-se que tais conhecimentos tenham relação com a maneira como a autora a partir da personagem de Regina e de sua relação com Maurice, representa como essas relações eram complexas.

A relação de Regina com Maurice se deu um tempo depois do primeiro contato entre os dois como mostrado na citação anterior retirada do romance. Como foi visto, ele à via com desejo e com o olhar de um senhor patriarcal que “poderia” possuí-la. E foi o que aconteceu, Maurice no decorrer da narrativa, encontra Regina chorando enrolada em seus panos de dormir, o mesmo questiona sobre o porquê ela chorava, não obtendo respostas, ele ordena que ela sente em seu colo:

‘Sente-se nos meus joelhos’. Dei uma ordem seca. Seu cheiro veio com ela, que sentou-se. Não como uma criança, de joelhos juntos, aninhada ao peito. Mas de pernas abertas, sobre as minhas. Tonteei. A pouca luz que vinha do quarto iluminou seu rosto zebado pelas lágrimas. O cheiro, de novo.

Outra ordem. ‘Ponha as mãos nos meus ombros’. Os braços magros e as mãos leves como pena enlaçaram meu pescoço. Agora sentia seu hálito perfumado e os dois pequenos seios, quase meias laranjas, pousados contra meu peito. Avancei minha língua, que se chocou contra de dentes brancos. Ela recuou.

‘Abra a boca’. Enfiei, agitei e retirei minha língua na cavidade que cheirava a ervas. Ela me olhava com os grandes olhos e as faces ainda manchadas de lágrimas. Acariciei os seios, o ventre, o púbis encaracolado. ‘Nunca beijou?’ Sinal negativo com a cabeça, que me pareceu graciosa sobre o longo pescoço, ‘Mexe a língua assim...’ Mostrei, chupei-lhe a língua. Bejiei-a novamente, mas com a impressão de que ela agitava a língua maquinalmente. ‘Abra mais as pernas’. Levantei a camisola. Tentei encaixar a vara – aqui dizem chapeleta. Logo encontrei a resistência do anel invisível. Tentei trabalhá-la sem precipitação. Era mais vontade de encontrar paz, de encerrar o dia, do que desejo.

Quanto mais me excitava, porém, mais pensava em Nicota. Quantas vezes a traí, mas com uma criança? Antes de gozar, retirei-me. Não queria descabacá-la ou fazer-lhe filho. Molhei-nos ambos. A resignação passiva de Regina Angelorum me irritou. Que estúpida apatia. Afinal, o que quer essa menina? (DEL PRIORE, 2015, p. 230-231)

Primeiramente, é necessário chamar atenção para a forma como Maurice descreve seu encontro com Regina. Ele conta de maneira detalhada o momento em que à possuiu, ao

contrário da maneira como ele descrevia seus momentos com Nicota, sempre sobre o que esperava dela, o que ela deveria aprender, sempre mantendo a ideia de pureza sobre ela, e nunca referindo-se com demonstração de desejo, prazer e de forma erotizada. Além disso, é possível perceber que durante os momentos descritos por ele, Regina se mantém passiva, apenas obedecendo ao seu senhor, não mostrando resistência, mas também sem demonstrar nenhum outro sentimento. Através das reações de Regina e da maneira como ele a descreve, não dá para afirmar se na situação houve ou não um estupro. Ela ainda menina, em um momento de fragilidade, por estar chorando, é condicionada a tal situação, e apenas segue obedecendo às ordens do conde. O mesmo percebendo que ela não demonstrava nenhum sentimento, se irrita, e questiona a si mesmo o que Regina queria afinal. É possível notar também que de início Maurice não deseja desflorar Regina ou fazer-lhe um filho. Estava ali apenas saciando seus desejos sexuais, porém essa é uma situação que muda no decorrer da narrativa, pois o mesmo reconhece que o que antes ele fazia por capricho, estava se tornando em paixão, e em alguns momentos ele descreve os seus sentimentos por Regina, e assume estar apaixonado.

Já Regina, após ter tido relação com Maurice, ela reconhece a sua condição na fazenda: “Não sou nada. Apenas uma agregada, reduzida ao estado de servente, humilhada. Na cozinha, convertida em criatura da noite e do mal. Mas vou transformar minha vergonha em desafio e o desafio em trinco. Só quero tempo.” (DEL PRIORE, 2015, p. 254). Reconhecendo seu lugar ali na fazenda, pretende mudar tal situação, como será possível perceber adiante, a mesma muda de ideia com relação ao casamento. Além disso, ela demonstra um sentimento de pena por Nicota, pela sua tristeza, magreza e daquela pele cor de palha, como a mesma descreve:

Ontem, ela quis ir a cavalo à fazenda do vizinho. Nunca passou pela cabeça de sinhá Nicota um branco com uma negra? Pois as senzalas estão cheias de mulatos. As igrejas também: quanto padre pardo e mulato que o pai manda estudar no seminário, paga os exames e vê rezar missa... Como diz *missiê* sobre a sinhá: *Sancta Simplicitas!* Negra bonita para ela não tem? É despeito. Aqui mesmo na Bela Aliança, tem Leocádia, tem Tonha. (DEL PRIORE, 2015, p. 254-255)

Percebe-se que Regina questiona se sua sinhá nunca havia pensado sobre as relações entre homens brancos e mulheres negras, tendo em vista a existência de tantos mulatos nas senzalas; além disso, a mesma acha um desrespeito o fato de para Nicota não haver negras bonitas, citando algumas presentes na fazenda, porém, ela não cita a si mesma, podendo assim questionar se Regina considerava-se uma mulher negra bonita.

Após a relação tida com Maurice, Regina começa a demonstrar o que pensava sobre Nicota, e ao mesmo tempo, demonstrando ser uma mulher com ideias de liberdade, que pensa em sua conduta enquanto moça pobre e negra, como foi percebido desde sua decisão de

continuar solteira, além de não se culpar por estar tendo relações com Maurice, decide então dar continuidade a isso, mesmo não estando apaixonada.

Após a primeira relação sexual entre os dois personagens, eles continuaram a se relacionar, até que a mesma fica grávida, e tem um filho do conde. A partir daí, Nicota passa a ter consciência da infidelidade de seu cônjuge, aumentando ainda mais sua melancolia e sofrimento. Pouco tempo depois, a personagem vem a falecer e Maurice continua a se relacionar com Regina por estar apaixonado, e por ela estar prestes a lhe conceder um filho. Porém a criança também falece ao chegar aos dois anos de idade, a partir daí, Regina decide que se Maurice quisesse ter mais filhos com ela, teria que se casar. Decidida a casar-se com Maurice, ele a engravida novamente, e a partir daí, ele já viúvo à dez anos, assume seu relacionamento com Regina, por precisar de uma companheira, e declara para sua família que irá casar-se com ela, justificando em suas cartas os motivos para tal decisão, assumindo a responsabilidade por ter tirado sua virgindade e para que seus filhos não ficassem desamparados. Além de ele também reconhecer em suas justificativas as lutas de Regina enquanto mulher negra, e diz nunca ter tido preconceito racial. Porém, por fim, após toda sua relação afetiva com Regina, ele acaba arrumando outra mulher em Pirai, como conta o jornalista, e tem um outro filho, mostrando mais uma vez sua infidelidade.

Enfim, a partir da relação afetiva entre Regina e Maurice, pode-se perceber a complexidade dessas relações, que passou do desejo e do prazer, para um sentimento de paixão e afeto, até constituírem família. Essas relações afetivas entre senhores e escravas ou libertas, como visto anteriormente, é tema de estudo de Adriana Dantas Reis Alves (2010), no qual a mesma discute sobre a existência do afeto nessas relações entre senhor e escrava ou liberta no período de 1780 e 1830, reconhecendo que mesmo que essas relações estivessem permeadas de dominação e desigualdade, as mulheres negras escravas que se relacionavam com senhores, estavam em condições melhores que suas companheiras, pois tais relações poderiam ser um dos caminhos para conseguir melhores condições de sobrevivência.

Pretendo, apenas, chamar atenção para o fato de que as mulheres escravas era paradoxalmente alvo fácil de violência sexual, mas, ao mesmo tempo, potencialmente valorizadas entre os homens escravos ou senhores, em sentidos diferentes. Enquanto para o escravo elas eram, como diz Hebe Maria de Mattos (1999), uma 'ponte' rumo a experiências familiares e de autonomia, para o senhores elas poderiam ser uma 'fonte' de prazer sexual e, aí, então, eram esses que se tornavam 'pontes' de acesso a vantagens. (ALVES, 2010, p. 132-133)

Além de serem pontes para vantagens, esses senhores também constituíam família com mulheres de cor, como a autora mostra a partir do caso em que analisa de Luzia, escrava que teve filhos com o senhor de engenho, Capitão Manoel de Oliveira Barrozo, que legitimou e

libertou seis filhos pardos, estabelecendo-os como herdeiros. Enfim, a autora mostra a complexidade dessas relações que não baseavam-se apenas na violência contra essas mulheres negras escravas ou libertas, mas que também haviam relações de afeto e constituição de famílias.

Como dito anteriormente, mesmo Mary Del Priore, não utilizando Alves (2010) e Pacheco (2008) como fontes para construir o romance. Em seu livro *História do Amor no Brasil* (2012), faz referência a existência de tais relações de afeto entre senhores e escravos, mesmo apontando como sendo raras. Isso mostra, que a autora ao escrever a história de Regina e de sua relação com Maurice, ela o faz tendo conhecimento de que a existência de desejo, prazer, paixão e afeto também faziam parte das relações entre senhores e escravas ou libertas, como mostram as pesquisas recentes produzidas por ela e também por diversas historiadoras brasileiras, a exemplo de Alves (2010). Ao mesmo tempo, é possível perceber que ela continua a representar as relações de gênero, a partir do relacionamento entre Regina e Maurice, a partir do conceito de Joan Scott, apresentado no tópico anterior. Além disso, não se pode deixar de destacar as diferenças de classe e de raça, questões que aparecem em todo o romance e que podem ser analisadas em outro momento, para que se faça uma análise mais aprofundada dessas relações.

A representação do papel da mulher negra no romance, também se dá a partir da personagem de Maria Gata, negra, escrava e curandeira. No romance, é chamada pelos personagens de tia Maria Gata, a mesma era ama de Nicota, e tinha um papel de suma importância nas fazendas, era ela quem fazia os remédios da botica dos escravos. Além de ser escrava da fazenda, era considerada por Nicota como membro da família. Em alguns momentos é ela quem cuida e aconselha Nicota e também Regina. Contava histórias e ensinava suas sabenças a Regina, tinha o conhecimento das ervas, fazia rezas, lavagens, enfim, tentava sempre cuidar da saúde dos escravos e de Nicota a partir de seus conhecimentos.

É importante destacar que Maria Gata não era uma escrava da casa, ela exerce uma função que era indispensável na fazenda, por ter o conhecimento sobre diferentes ervas medicinais, fazia os remédios para a botica dos escravos, além de cuidar da doença de peito de Nicota. Seu papel era tão importante que Nicota se preocupa com a necessidade de Maria Gata ensinar seus conhecimentos à Regina, para que um dia ela pudesse tomar o seu lugar. De acordo com Graham (2005), às mulheres negras escravas domésticas eram destinados trabalhos da cozinha, de lavar e passar roupas, entregar recados e para as que estavam em período de amamentação, se tornavam ama-de-leite dos filhos das senhoras. Além disso, Maria Gata além de sua função na botica, também havia sido ama de Nicota.

Por fim, conclui-se que Mary Del Priore representa a partir de Regina e de Maria Gata dois olhares sobre o papel da mulher negra nos finais do século XIX, a primeira representando a mulher negra liberta, que resiste a um casamento com um escravo que lhe foi imposto, e tem a liberdade para decidir casar-se com um homem branco estrangeiro e ter filhos com ele, mostrando que mulheres negras apesar das violências que sofriam, e da desigualdades e relações de poder existentes nas relações entre senhor e escrava ou liberta, havia também relações de prazer, paixão e afeto, podendo constituir família. Já a segunda, representa a mulher negra escrava, que tinha conhecimentos necessários para a fazenda, além de apresentar uma relação de afeto e carinho por sua sinhá, e mesmo depois de liberta permanece na fazenda. É possível perceber, que Del Priore apesar de em alguns momentos representar situações de violência na relação entre senhor e escravo, como aconteceu no caso de Regina ao negar se casar com o escravo da fazenda, ela mostra que havia também relações de afeto, que em casos como o de Regina e Maria Gata era uma forma de conseguir melhores condições de sobrevivência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: UM CAMINHO PARA NOVAS PERSPECTIVAS E POSSIBILIDADES

As análises realizadas neste trabalho percorreram um caminho que pôde apresentar conclusões sobre os problemas e objetivos que foram propostos. Além disso, foi possível perceber novos problemas e possibilidades para outras pesquisas ampliando o olhar sobre a fonte, para que possa ser analisada em um todo.

Durante o primeiro capítulo, foi possível perceber quais as relações que Mary Del Priore enquanto historiadora e pesquisadora construiu junto a historiografia dos finais do século XX e início do século XXI. Com a chegada da História Social, das mentalidades e da Nova História Cultural no Brasil, nas décadas de 80 e 90, momento em que a autora passa a ter interesse pela história das mulheres e das relações de gênero. Neste mesmo período, como foi visto, a autora se aproxima da Literatura, e passa a se dedicar a novos temas, sujeitos e fontes como cartas íntimas, diários e a literatura. Além disso, pode-se notar que a autora, além de utilizar a literatura como fonte, também a usa como estilo de escrita, como por exemplo em *O Castelo de Papel*, *O príncipe maldito* e *Matar para não morrer*. Até que a mesma, assume-se como autora de literatura com a publicação de seu primeiro romance histórico *Beije-me onde o sol não alcança*.

Ainda no primeiro capítulo, a partir de características presentes no romance como seus capítulos em forma de cartas, a presença de notas e do uso de fontes, tornou-se possível caracterizar o romance de Del Priore como sendo um romance histórico e epistolar. Partindo de tais distinções, foi permitido constatar os diálogos que a autora constrói entre a História e a Literatura no decorrer de sua trajetória junto aos movimentos historiográficos. Podendo assim, realizar as análises do capítulo dois, realizando o cruzamento entre a narrativa do romance com as fontes utilizadas para sua escrita.

No segundo capítulo a partir do conceito de representação de Roger Chartier, pôde-se concluir que Mary Del Priore constrói os seus personagens a partir das fontes por ela utilizadas e apresentadas no final do livro, e também a partir de conhecimentos construídos no decorrer de sua trajetória enquanto historiadora e pesquisadora de temas como o amor, o casamento, a maternidade, a sexualidade, o corpo, a história das mulheres e das relações de gênero. A partir disso, constatou-se que a mesma, constrói seus personagens a partir desses constantes diálogos tecidos por ela entre a Literatura e a História, representando a partir de Nicota, Regina, Maurice e Maria Gata. Nesse processo, foi possível perceber que a autora em sua narrativa representa como eram tecidas as relações de gênero no final do século XIX. Para entender essa questão, foi utilizado o conceito de gênero a partir das discussões de Joan Scott, que concebe as

diferenças entre os sexos masculino e feminino como uma construção social, que marcam as relações de poder.

Porém, além do que pôde ser concluído através das análises aqui realizadas, em meio ao que foi proposto, ficaram algumas lacunas que não puderam ser melhor discutidas, pois não cabiam no objetivo inicial deste trabalho. Tais lacunas referem-se as questões sobre os momentos pré e pós-abolição no Brasil, situações políticas, econômicas e sociais decorrentes das lutas contra a escravidão, movimentos a favor e contra a república, e questões de classe e raça. Além disso, foi possível perceber a necessidade de ampliar o olhar sobre as relações de gênero, para aprofundar ainda mais as discussões sobre as vidas nos salões, as regras de etiquetas, a moda, intimidades e sexualidade. Tais questões poderão ser aprofundadas e ampliadas posteriormente, posto que pretendo dar continuidade à pesquisa na Pós-graduação.

Fonte:

DEL PRIORE, Mary. *Beije-me onde o sol não alcança: uma história de amor no século XIX*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2015.

Referências:

ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de. *O jogo da dissimulação: abolição e cidadania negra no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ALVES, Adriana Dantas Reis. *As mulheres negras por cima o caso de Luzia jeje: escravidão, família e mobilidade social – Bahia, c. 1780 – c. 1830*. Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2010.

BARROS, José D' Assunção. *A Nova História Cultural – considerações sobre o seu universo conceitual e seus diálogos com outros campos históricos*. Belo Horizonte: Cadernos de História, v.12, n. 16, p. 38-63, 2011.

BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. *O novo romance histórico brasileiro*. Via Atlântica, Universidade de São Paulo - Brasil, v. 4, p. 168-176, 2000.

BURKE, Peter. *Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro*. In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

CÂMARA, Daura Amália do Nascimento. *Nas tramas e nos enredos de Mary del Priore [manuscrito]: a mulher em Ao Sul do corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil colônia*. Universidade Estadual da Paraíba, 2015.

CASTRO, Hebe. *História Social*. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

CHARTIER, Roger. *O mundo como representação*. Estudos avançados, 1991.

CHARTIER, Roger. *Por uma sociologia histórica das práticas culturais*. In: CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Memória e Sociedade, 1990.

CHARTIER, Roger. *Literatura e História*. Rio de Janeiro: Topoi, nº 1, p. 197 – 216.

CHAVES, Flávio Loureiro. *História e Ficção na Literatura Brasileira*. In: CHAVES, Flávio Loureiro. *História e Literatura*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

DONATO, Gerson. *Quando Clio se encontra com Calíope*. Mestrando em História social na FFLCH da USP.

D'INCAO, Maria Ângela. *Mulher burguesa e família burguesa*. In: PRIORE, Mary Del (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, ed. 10, p. 223-240, 2017.

FALCI, Miridan Knox. *Mulheres do sertão nordestino*. In: PRIORE, Mary Del (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, ed. 10, p. 241-277, 2017.

GRAHAM, Sandra Lauderdale. *Caetana diz não: Histórias de mulheres da sociedade escravista brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

HUNT, Lyn. *Torrentes de emoções: lendo romances e imaginando a igualdade*. In: HUNT, Lyn. *A invenção dos direitos humanos: uma história*. São Paulo: Companhia das letras, 2009.

LAJOLO, Marisa. *Como e por que ler o romance brasileiro*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

LEITE, Francisco Benedito. *Micro-História como ferramenta de pesquisa para acesso à antiguidade cristã*. Campinas: Revista Theos - Revista de Reflexão Teológica da Faculdade Teológica Batista de Campinas, ed. 7, v.6, nº.01, julho de 2011.

LEVI, Giovanni. *Sobre a micro-história*. In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

LIMA, Henrique Espada. *Micro-história*. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Novos domínios da história*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

NAVARRETE, Eduardo. *Roger Chartier e a Literatura*. *Revista Tempo, Espaço e Linguagem*, v. 2, nº.3, p. 23 – 56, set./dez. 2011.

NICHOLSON, Linda. *Interpretando o gênero*. *The Play os Reason: From the Modern to the Postmodern*. University Press, 1999, p. 53-76.

PAIANI, Flavia renata Machado. *História e narrativa na “historiografia” não acadêmica: o caso de Mary Del Priore*. I Encontro de Pesquisas Históricas – PUORS, 2014.

PACHECO, Ana Cláudia Lemos. *“Branca para casar, mulata para f... e negra para trabalhar”*: escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador, Bahia. Campinas, SP: Programa de Pós-Graduação: Ciências Sociais, 2008.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e Literatura: uma velha-nova história*. In: COSTA, Cléria Botelho; MACHADO, Maria Clara Tomaz (orgs.). *História e Literatura: identidades e fronteiras*. Uberlândia: EDUFU, 2006.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Com os olhos de Clio ou a literatura sob o olhar da história a partir do conto ‘O Alienista’, de Machado de Assis*. São Paulo: Revista Brasileira de História, v. 16, nº 31-32, p. 108-118, 1996.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Fronteiras da ficção: diálogos da história com a literatura*. Florianópolis-SC: XX Simpósio Nacional da ANPUH, 1999.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O mundo como texto: leituras da História e da Literatura*. Pelotas: História da Educação, ASPHE/FaE/UFPel, n. 14, p. 31-45, set. 2003.

PRIORE, Mary Del. *História do cotidiano e da vida privada*. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

PRIORE, Mary Del. *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012.

PRIORE, Mary Del. *Ao Sul do Corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

SANTOS, Pedro Brum. *Literatura e intervenção: romance histórico no Brasil*. Floema, ano VII, n. 9, p. 283-303, jan./jun. 2011.

SCOTT, Joan. *História das Mulheres*. In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

SHARPE, Jim. *A história vista de baixo*. In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

SOIHET, Rachel. *História das mulheres*. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. *A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero*. São Paulo: Revista Brasileira de História, v. 27, nº 54, p. 281-300, 2007.

SOUZA, Laura de Mello. *Aspectos da historiografia da cultura sobre o Brasil colonial*. In: FREITAS, Marcos Cezar (org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, ed. 2, 1998.

TILLY, Louise A.. *Gênero, História das mulheres e História Social*. Gêneses, 1990, p. 148-166.

VAINFAS, Ronaldo. *História das Mentalidades e História Cultural*. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

WEINHARDT, Marilene. *Considerações sobre o Romance Histórico*. Curitiba: Revista Letras, n. 43, p. 49-59, 1994.